

Tenho uma recomendação a fazer a você, leitor ou leitora: chafurde nestas Crônicas suias. de João Moraes.

Tem emoção e amor? Tem. Índio e Led Zeppelin? Tem. Choro e alegria? Tem. Tem Rubem e Zé? Tem. Pinga e torresmo? Tem. Tem o Brasil e Cachoeiro? Tem também

Etem um grande cronista na condução deste livro. E olhem que não é fácil ser cronista em Cachoeiro do Itapemirim, sei que me entendem.

A crônica é arte da apreclação. E João é um grande apreciador da vida, de seus fatos tão insólitos quanto reais. Em suas andanças pelo país, seja com os olhos do cronista de jornal, seja com os do documentarista, do músico e compositor, do repórter, do estudante ou da criança que já foi, transforma os momentos e sentimentos em textos, relatos e crônicas com o que há de belo e com o que há de sujo pora (j. Brasil afora.

Ao enveredar por estas páginas nos transportamos imediatamente para um universo extremamente rico em imagens, memórias, texturas e aromas, que o escritor cozhina em tigo ora brando, ora intenso, mas certamente sempre com muito tempero, invariavelmente acompanhado de talagadas de uma boa cerveja gelada ou do bouquet elegante de uma cana derolha.

Sua transformação física — João, que era um gordo muito querão, hoje é um homem magro tão querão querão, hoje é um tambem está retratada nestas páginas, com as dividas e a angústia da decisão de se submeter a uma cirurgão banátirica. Perdeu alguns quilos, mas não a verve, a fleuma, a palavra aflada e a percepção tão particularde tudo o que o cerca.

João Moraes é assim, e daí vem a qualidade deste livro. Para terminar, nada melhor do que as palavras do próprio: "minha picanha é mal-passada, a cerveja é multa, torresmo para além da prova e a conversa interminável".

Tem João Moraes? Tem.

SÉRGIO FRANCA



Governo do Estado do Espírito Santo

Governador José Renato Casagrande

Vice-Governador Givaldo Vieira da Silva

Secretário de Estado da Cultura Maurício José da Silva

Subsecretário de Estado da Cultura Joelson Fernandes

Gerente de Ação Cultural Christiane Wigneron Gimenes

Gerente do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas Nádia Alcure Campos da Costa

Instituto Sincades

Presidente Idalberto Luiz Moro

Gerente Executivo Dorval Uliana

Coordenadora de Programas e Projetos Ivete Paganini

Coordenador de Projetos Danilo Pacheco

Jornalista Silvana Sarmento Costa

Analista de Projetos Lívia Caetano Brunoro

Assistente de Projetos Patrícia Soares



João Moraes

Crônicas Sujas

Memórias de Névoa

SECULT Vitória - ES 2012

© Secretaria de Estado da Cultura, 2013 Governo do Estado do Espírito Santo

COORDENAÇÃO EDITORIAL Márcia Selvátice Tourinho

> REVISÃO O autor

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA Comunica.com Natália Zandomingo

> CAPA Rachel Braga

IMPRESSÃO E ACABAMENTO Gráfica JEP

> TIRAGEM 1.000 exemplares

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP) (Biblioteca Pública do Espírito Santo)

M827c Moraes, João.

Crônicas sujas : memória de névoa / João Moraes. - Vitória:

Secult - ES, 2013.

172 p.

ISBN 978-85-64423-26-8

1. Crônica . 2. Literatura brasileira - Crônica . I. Título.

CDD. B869.8

Palavra do Governador A democratização do livro e do saber

Entre tantas contribuições importantes que o Espírito Santo tem oferecido ao Brasil, destaca-se — no campo cultural — uma literatura da mais alta qualidade. E os livros selecionados para publicação em 2011 e 2012, a partir dos editais da Secretaria de Estado da Cultura, reiteram essa vocação capixaba e constituem excelente mostra da nossa atual produção literária. Entre os autores, alguns já são conhecidos do público, e outros vivem sua primeira experiência de publicação, mas todos têm algo em comum: a vivência da realidade capixaba. Essas obras literárias vão somar-se a dezenas de outras que, no passado, traçaram um perfil inesquecível do nosso povo, com seus sonhos, trabalhos e conquistas.

Por entender que a literatura retrata um momento do nosso processo de evolução cultural, econômica, social e política e, ao mesmo tempo, estimula o diálogo entre o presente e o futuro, nesses dois anos e meio de gestão ampliamos a abrangência e mais que duplicamos o número e o valor global dos Editais. Passamos de 18 Editais, em 2009, para 41, em 2013. E os recursos, que antes somavam R\$ 3,2 milhões, foram elevados para R\$ 8,5 milhões. Trata-se de uma forma democrática e transparente de

apoiar nossa produção artística e cultural e de fortalecer a identidade capixaba.

Os livros agora lançados serão distribuídos em todo o Espírito Santo e entregues a bibliotecas e escolas da rede estadual, onde um público em formação terá acesso a obras que nos ajudam a compreender a realidade do nosso tempo. Além disso, o projeto Biblioteca Móvel, que faz parte das ações do Estado Presente, levará esses livros às regiões em situação de risco social, enquanto o projeto Biblioteca Transcol colocará um acervo de 12 mil livros à disposição dos usuários do sistema de transporte público, em dez terminais rodoviários.

Com esse tripé de valorização do livro e da leitura, estamos criando uma nova geração de leitores, disseminando a obra, o pensamento e o exemplo dos nossos melhores escritores, e reforçando o interesse pela literatura entre aqueles que nem sempre dispõem de recursos para adquirir os livros recém-publicados. Assim, enquanto construímos juntos o futuro do Espírito Santo, a literatura vai ocupando posição cada vez mais destacada no esforço coletivo de democratização do conhecimento e do saber.

RENATO CASAGRANDE

Palavra do Secretário

A palavra é a mãe de todas as manifestações do engenho humano. É por meio delas que construímos nossos códigos de entendimento e absorção do mundo. Ainda que possamos manifestar-nos por meio da música e das artes visuais, são sempre elas, as palavras, as estruturas constituintes do nosso pensamento.

Por isso, causa-nos causa especial satisfação publicar os livros agraciados pelo Edital de Publicação da Secretaria de Estado da Cultura, exercícios 2011 e 2012. As narrativas curtas e longas, as poesias e as crônicas que compõem esses lançamentos são uma mostra do quão talentosos e proficuos são os escritores que vivem e produzem nos dias de hoje no Espírito Santo. Diversa em estilo e abordagem, visão de mundo e conteúdo. Publicar esses escritores é dar voz a essa multiplicidade de correntes de pensamento, que em um vasto diapasão estético e filosófico nos entretêm e revelam. E nos alimentam razão e sensibilidade. Levar essas obras aos leitores da Região Metropolitana da Grande Vitória e ao interior do Estado é descortinar universos que promovem a elevação do espírito humano por meio da promocão da arte e da cultura.

A diversidade dessas obras nos colocou diante de um instigante desafio, que foi formatar edições que dialoguem com formas peculiares e conteúdos distintos em cada gênero literário abarcado. Essa heterogeneidade é fruto do trabalho de autores com singularidades que se refletem nesses próprios conteúdos e formas. Isso levou a um atraso no cronograma das publicações. Por isso, optamos por lançar, no mesmo semestre, as obras agraciadas de 2011 e 2012.

Essas mesmas obras serão distribuídas em bibliotecas e escolas de todo o Espírito Santo. As instituições que receberem esses livros passarão a ter em mãos uma potente ferramenta para desenvolver em seus frequentadores e alunos o espírito crítico, a tolerância, a compreensão de mundo necessária à construção de uma sociedade mais justa e feliz. Esse trabalho é realizado em sinergia com as políticas do livro e da leitura do Governo Renato Casagrande, representadas por ações como a Biblioteca Móvel, que leva livros e suporte para promoção de leitura a bairros em situação de risco da Grande Vitória, dentro das ações do Estado Presente, e a Biblioteca Transcol, que disponibiliza acervo de 12 mil livros aos usuários do sistema de transporte público, distribuídos em 10 terminais rodoviários.

A todos desejamos uma excelente leitura. E que os horizontes descortinados por esses autores sejam plenos de novas descobertas.

MAURÍCIO SILVA SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA

Dedico esse amontoado de pequenas histórias a dois Ottos. Meu, pai por ter me apresentado, ainda muito cedo, a Castro Alves, Catulo da Paixão Cearense, Dorival Caymmi, Rubem Braga e a Boemia. E meu irmão que, com paciência e prazer, lia para mim quando pequeno.

Agradeço, entre outros vários, a Dedé Caiano, Sergio Sampaio, família Braga, Jorge Petrúcio, José Roberto Santos Neves e Penha Garcia.



SUMÁRIO

Ficar com certeza, maluco beleza, 13

A de 37 foi Pior, 17

Avião, 21

Bandolim de Chumbo, 25

Montanhas, 29

Avião II - Na Amazônia Setentrional, 33

As Ferramentas do Álvaro, 37

Com gripe ou sem gripe o porco é da lata, 41

Avião III - Meu amigo Yanomami, 45

O Bar do João, 49

Música, 53

Avião IV - Adeus ao paraíso, 57

Memória Inundada, 61

Bernarda, Nícolas e Roberta. O Que Há de Bom, 65

Vitória, **69**

Geografia Nacional Capixaba, 73

Uma Copa bariátrica em Si bemol, 77

Na rua, na Chuva, na floresta, 83

Você já foi a Bahia?, 87

O inventor de cidades, 91

O Papo é Gato, 95

Ofidio, 99

Dona Gracinha, 103

Pesos, medidas e direções, 107

SEGUNDAS, 109

Tambor, 113

O Bote I, 117

O Bote II, **121**

Na Feira, 125

Como Assim, 129

Lambaris e Piabas, 133

Solenes e Lunáticos, 137

Porvir, 141

Negócio Difícil, 143

A Virada, 147

O Futuro Batia Ponto No garota de Bom Sucesso, 151

Penharol I, 153

Penharol II, 157

Os melhores Bares do Mundo - Cu Velho, 161





FICAR COM CERTEZA, MALUCO BELEZA

Todo município do interior tem seus malucos folclóricos, docemente adotados pela comunidade. Eles conferem subjetividade à personalidade brusca das cidades; quebram ao meio, na paisagem monótona, a igualdade das cores, gestos e a aparente modorra dos costumes. Em Cachoeiro do Itapemirim há vários assim e também muitos que já se foram, como Maria Fumaça e Taruíra. Entre os atuais há o imortal Neném Doido, homem capaz de fumar 15 cigarros ao mesmo tempo, enquanto comanda o trânsito da capital secreta num pare/siga sem fim; sempre em vertiginosa disparada marchando em direcão ao nada.

Entre esses atuais há também o Agulha, um doidim pequeno e franzino, que lava carros e faz aparições pela rodoviária, no geral pedindo um trocado como se fosse um antigo amigo. Agulha sempre comia na casa de Dr. Paulo Herkenhoff. Ia lá em determinado horário e dona Mery lhe servia um prato de comida todos os dias. Mas certa vez Agulha apareceu fora do horário, bateu na porta como de costume e quando atenderam, lá estava ele junto com um outro maluco, magérrimo, barbudo e meio hippie. Dona Mery chama Dr. Paulo e diz que Agulha trouxe outro freguês, mas que ela não estava preparada para servir, naquela hora, sequer um prato

de comida, quanto mais dois. O velho Herkenhoff chegou até a porta e quando olhou para o maluco barbudo, firmou a vista, puxou pela memória e — É o Raul Seixas, Raul Seixas!

A que devo a honra, porque veio aqui com o Agulha? Raul responde que foi o primeiro cidadão que ele encontrou em Cachoeiro e quando disse que precisava chegar na casa do Sérgio Sampaio na rua Moreira 65, Agulha o levou até ali com a certeza de que eles poderiam ajudar.

Dito e feito: Dr. Paulo, que era praticamente vizinho dos Sampaio, informou onde era a casa deles e que Sérgio não se encontrava em Cachoeiro. Raul não viu problema porque tinha certeza que Dona Lourdes o receberia, mesmo sem nunca tê-lo conhecido pessoalmente. Mais uma vez foi batata. Chegando lá, Dona Lourdes e os filhos, Mara e Hélio Sampaio, receberam o maluco beleza e ouviram dele a história que o levou até ali, sem aviso ou combinado. Raul havia ido até uma cidade da Bahia para dar o pontapé inicial em uma partida de futebol na inauguração de um monumental estádio de várzea. Foi em seu Fiat 147 junto com a Kika (mais tarde) Seixas e, depois do pontapé e, depois torrar a pouca grana que recebera pelo comparecimento, só sobrou algum para encher o tanque de gasolina e descer a BR-101. Quilômetros mais tarde, já tendo atravessado boa parte do Espírito Santo, na altura da entrada para Cachoeiro ele constatou a

desertificação do tanque de gasolina e dos bolsos. Resolveu pedir ajuda à família do Sérgio de quem fora muito amigo no início da carreira além de produtor de seu primeiro LP solo Eu quero Botar meu Bloco na Rua. Nesse disco havia uma música com o subtítulo de Rua Moreira 65, que ele sabia ser o endereço da casa do Sérgio.

Pouco depois de explicar sua tragédia financeira e o pedido de pouso, concedido plenamente, perguntou se não dava para conhecer o bar do Auzílio, que ele também só conhecia por relatos emocionados e pela canção do Sérgio. Lá foram Helinho e Mara com ele para o Auzílio. E foram recebidos pelo velho e mal humorado Auzílio, que apesar da fama do Raul, não deu a menor demonstração de surpresa ou orgulho pela presença do mais espetacular e brilhante astro do rock brasileiro. Na mesa, piaba frita, quibe cru, cachaça e cervejas. Do lado de fora do bar foi se amontoando um bando de cachoeirenses que ficaram sabendo da presença de Raul Seixas.

Há muitas lendas sobre essa passagem de Raul por Cachoeiro, tudo que é inventado sobre, vira verdade e verbete no livro das lendas que envolvem Sergio Sampaio. O fato é que Raul ficou quase três dias por lá, retribuiu a gentileza de sua hospedagem com roupas, sandálias e outros afagos, tocou violão e cantou suas músicas no bar do Auzílio em paga pelas

ronicas_sujas_miolo.indd 17 💮 03/12/2013 16:42:35

Crônicas Sujas - Memórias de Névoa

longas rodadas de birita. Conseguiu mais algum dinheiro para a gasolina e rapou para o Rio de Janeiro. Isso aconteceu em 1981 e, de certa forma, Raul Seixas, de lá pra cá, passou a integrar a notória legião de malucos da pequena Cachoeiro. Ele e Sérgio, que em uma de suas melhores composições diz com acerto: sem a loucura não dá.

1.8

A DE 37 FOI PIOR

Quantas vezes em minha vida ouvi minha avó e meu pai afirmarem: a de 37 foi muito pior. Caiu uma tromba d'água lá nas cabeceiras e a água subiu muito rápido de madrugada. Pegou todo mundo de surpresa. Depois baixou e subiu novamente. A de 37 foi muito pior.

As enchentes do Itapemirim sempre foram dramáticas. Lembro bem de uma em que dois cavalos estavam em uma ilha em frente à minha casa. O dono tentou resgatar os coitados, mas a água já estava muito forte e os animais titubeavam, temendo entrar no caldo lamacento que arrastava em seu caudal os balcedos arrancados das margens pela grosseria impiedosa das águas. Um boi passou boiando. Uma bola inchada com as quatro patas pra cima. Foi o bastante para os cavalos decidirem arriscar a sorte na ilha e esperar que o rio parasse de subir.

Fiquei na janela enquanto pude, torcendo pelos cavalos. Não dei sorte aos alazões ilhéus. Pela noite a água cobriu a ilha e os pobres foram levados para sempre pela cancha líquida.

Teve uma outra enchente menos trágica que permitiu a mim e a meu irmão Zé uma célebre pescaria de piabas. É que, quando a água, baixa as piabas parecem se multiplicar nas beiras do rio. Muitas e famintas. Pescamos mais 400 piabas (há quem diga que, em verdade, são lambaris; podem estar

onicas_iujas_miolo.indd 19 (03/12/2013 16:42:35

certos, mas para mim são piabas, e ponto) ao longo de não mais que três horas. Eu devia ter uns 11 anos e esse dia vai me acompanhar até meu fim. Destino de homem enterrado cru ou calcinado no fogo. Sem a nobre função de virar tira-gosto em mesas boêmias, nem troféu de crianças orgulhosas.

Na de 79, o Córrego Amarelo transbordou e cobriu a rua na altura da Casa do Estudante, Centro Operário de Proteção Mútua e a velha casa dos Braga. Estávamos sem carne em casa e Cláudio, meu irmão mais velho — sempre o mais destemido dos quatro rebentos de seu Otto e dona Jussary — , resolveu ir ao açougue do Mercado Municipal comprar uns bifes para o almoço. Ele podia ter escolhido outro açougue em outra direção, mas o caso é que muito mais que destemido ele é teimoso. Para chegar no Mercado Municipal, tinha que passar no alagado do Amarelo. E lá foi ele com água pelas canelas, o dinheiro enrolado num saco plástico encaixado entre o corpo e o elástico do calção.

Fiquei na varanda acompanhando a aventura do mano. Em certa altura, ele caiu e quase que a água arrasta o teimoso. Mas conseguiu levantar e seguiu seu caminho, rumo a sua carnívora missão. Comprou bifes de alcatra no segundo corte — coisa que não mais se vê, posto que arrancam injustamente as picanhas das peças. No segundo corte, era possível, em um mesmo bife, ter ladeadas picanha, maminha e miolo. Saudade desses bifes.

Pois quando ele voltou com a carne vi o sangue escorrendo de um corte profundo em sua canela. O tombo do Cláudio havia acontecido porque ele pisara numa caixa de registro sem tampa.

E por que conto essas coisas? Sei lá, talvez para amenizar um pouco as notícias e desgraças que acompanham as enchentes. Não quero encher o livro de mais tristezas, mas inundar algumas lembranças que o Itapemirim gravou em minha memória e, quem sabe, de lá tirar algumas piabas que valham a pena. Essas são minhas enchentes, peixes e cavalos.

Mas há um fato que nunca poderá ser negado: a de 37 foi muito pior.



AVIÃO

Na minha vida de menino ver um avião no céu era festa. Quase uma graça. Deitados de barriga pra cima a molecada tentava ver um risco de fumaça branca no azul. Quando isso acontecia a gente se transportava para as aeronaves feito deuses dominando a gravidade. Quando a esquadrilha da fumaça fez um show no aniversário da cidade os corações pequenos pularam e os olhos acendiam um brilho de espelho. Os meus preferidos eram os que jogavam milhares de panfletos de propaganda eleitoral. Eram monomotores e tinham nome e sobrenome: Teco-Teco. Na minha cabeca de menino os pilotos eram heróis por voar naquelas geringonças aladas. Não alimentava o sonho de pilotar. Voar não estava nos planos. Me encantava mais, junto com a releia de molegues, cruzar os terrenos baldios da cidade pequena e implicar com as meninas. Não sem fitar suas perninhas finas sem saber exatamente o porquê.

Quem voa naquilo é mesmo meio herói e também meio maluco. Só fui constatar isso em 2006, depois que o menino de calções enormes, feitos por minha mãe para durar e resistir ao crescimento abrupto dos filhos, já tinha quase sucumbido às imprecisões da memória. Eu tinha ido a Roraima fazer um documentário nas grimpas da Amazônia Setentrional, divisa com a Venezuela, na aldeia Yanomami do Demini. Watorike, na língua nativa.

Estávamos no aeroporto; eu, o diretor de fotografia Leonardo Gomes, meu amigo de muitas jornadas como essa, e Pedro Monteiro, fotógrafo e, pra minha sorte, meu filho. Impossível esconder a ansiedade de partir selva adentro.

A ansiedade rapidamente se transformou em heroísmo e loucura quando um teco-teco de asa baixa pousou e constatamos ser nosso meio de transporte. Sem tempo para rezar e a impossibilidade de refugar, lotamos o bagageiro com os equipamentos e outras tralhas necessárias à expedição. O piloto, seu Luizinho, não tinha a menor pinta de herói, o que me levou a identificar nele o singelo perfil de maluco.

Com o avião lotado e sua capacidade máxima de carga no talo partimos; primeiro através da interminável pista de asfalto, que teimava em manter no chão o liquidificador aéreo. Decolamos meio de lado pelo céu de um azul quase branco, rumo à Serra dos Ventos onde ficava a aldeia Demini. Rasgamos o azul por três horas sobre o verde sem fim e sem GPS. Luizinho ia pilotando somente cravado na bússola. De vez em quando uma lufada de vento batia e o teco-teco revirava e batia. Vento sul em guardanapo de beira de praia.

— Chegamos, vou circular a Serra dos Ventos e aterrissar.
Onde meu Deus? Aterrissar onde?

E foi aí que vi um pequeno risco em meio à floresta, o que constatei ser nossa pista de pouso. Já não tinha mais medo, nem heroísmo. Apenas uma certeza habitava minhas veias, sinapses e humores: tudo que eu queria era estar ali naquele exato momento. Aterrissamos sem maiores problemas e muitos sacolejos.

Em terra, já com os pés no chão, Luizinho contou que na aldeia de Toototobi, para onde inicialmente iriamos, a pista era bem mais curta e que pousar não era problema, mas que para decolar era necessário amarrar o avião num toco acelerar até máximo possível e dar o sinal para que cortassem a corda e assim o avião sair na velocidade necessária para subir em tempo de não espatifar nas árvores. Desde aquele instante amei a aldeia Demini. Há apenas duas horas de caminhada dali e com uma pista de pouso tão segura.

Na próxima conto um pouco mais sobre essa aventura cinematográfica na terra dos Yanomami, onde, finalmente, aprendi a voar.



BANDOLIM DE CHUMBO

Há pouco tempo esteve em Vitória uma das figuras mais importantes para o chorinho brasileiro, não por ser um dos grandes virtuoses do gênero, mas por ter rompido com amarras tradicionais da forma de se tocar o choro. Joel Nascimento padece de uma otosclerose que o levou a uma — talvez precoce — quase surdez beethoveniana. Começou sua vida musical ao piano, mais tarde abandonou em troca do bandolim, instrumento que consagrou sua música e nome como o grande modernizador do chorinho brasileiro. Como instrumentista e compositor. Não é pouco.

Por conta desse talento e de sua história, ele é testemunha ocular e, precariamente, auricular dos tempos dos chorões tradicionais com quem tocou e, já mais adiante, acabou por influenciar músicos como Rafael Rabelo, Henrique Cazes e o extra classe Hamilton de Holanda, o mais aplaudido bandolinista da atualidade, ungido de graças pelo público de todo o mundo. E é exatamente aí que essa história de fato começa.

Há cerca de uns dois anos foi realizado em Lunel, na França, o festival mundial de bandolim e, lógico, os nomes de Hamilton e Joel estavam entre os primeiros da lista. Vejam bem, não se tratava de um festival de chorinho, mas

onicas_sujas_miolo.indd 27 💮 03/12/2013 16:42:35

de bandolins, instrumento que, com algumas variações de estrutura, perambula por vários salões da música ocidental — latina, anglo-saxônica, germânica, franco lusitana — e também oriental no prisma de várias origens e paragens.

Vi Joel contar a história, entusiasmado — eu e Hamilton abrimos o festival tocando choro, dividindo o palco com ótimos músicos, mas daí a pouco me entra no palco um gringo não muito velho, mas meio acabado, vestindo umas roupas esquisitas e empunhando um bandolim. Cumprimentou o Hamilton e começou a improvisar com a gente. Ele era horroroso, não sabia nada de choro e ficava lá atrapalhando aquele dia lindo, atropelando nossa música. Saí um pouco do palco e reclamei com minha filha. Ela disse — papai, é que o senhor não sabe com quem está tocando. Eu respondi que sabia sim. Um sujeito ruim de chorinho pra daná. Nem quero saber se é a rainha da Inglaterra, esse aí não toca nada, minha filha. Joel, pessoa muito educada, não arredou pé de sua opinião, mas voltou ao palco para tocar mais um pouco com o gringo e com o Hamilton.

Ele contava isso rindo, mas ainda um pouco revoltado com o desrespeito do sujeito que se meteu a tocar choro com eles sem saber bulhufas do estilo. O dia estava lindo, a platéia encantada com a música, com Hamilton, com o Joel e estranhamente com o gringo; tudo acabou bem.

Crônicas Sujas - Memórias de Névoa

O gringo esquisito e ruim de bandolim não era a rainha da Inglaterra, mas tem coroa e cetro no reinado musical do mundo; era só o John Paul Jones, baixista do lendário Led Zeppelin.

Mas também, quem mandou não estudar chorinho.



MONTANHAS

Muita coisa tem saído nos jornais sobre a região do Caparaó. Falam de valorização imobiliária, de cachoeiras e matas; de estrada real, paisagens exuberantes e frio civilizador. É, falam muito de tudo, mas não contam sobre a gente que lá vive, seus costumes cotidianos e o áspero veludo da índole montanhesa. A fila quieta dos dias cadencia a alma generosa dos caparaoenses, talvez por viverem onde nasce boa parte da água que rega o Espírito Santo e aplaca a sequidão das bocas e dos poros da terra.

No encrespado daquelas montanhas capitaneadas pelo pico da Bandeira, nas saias e franjas daquela serra viceja um Brasil caboclo de rezas, ervas, saberes, cantos e oficios. Uma espécie de Brasil andino que mistura a antiguidade de índios, negros e estrangeiros repatriados em outras plagas que não seus próprios rincões. Gente que há 300 anos cruzou os mares de todo o mundo para arriscar a sorte no coração das Minas Gerais e depois que o sonho brilhante e vazio dos metais esvaiu, se espalhou pela colônia num refluxo em buscas de outras oportunidades. Não é absolutamente obra de imigrantes italianos ou predominância de outra qualquer etnia. O povo do Caparaó é de uma mistura antiga, bem mais próxima do barro original que engendrou a humanidade.

Terra de tropeiros, alma mística do Brasil, recorte vivo de muitas eras ainda vivas e conviventes. Não é monocórdia. É diversa como uma Galápagos antropológica onde se pode observar claramente, passando por Ibitirama e indo a Guaçui estéticas e práticas endêmicas, desde a arquitetura das casas das fazendas até as canções populares de rua.

As gentes do Caparaó parecem bons parentes, avôs distantes talvez. Ao nos conhecer invocam rápido uma doce intimidade capaz de sugerir, como já disse o velho escritor, saudades de coisas que não se viveu. Eles parecem retratos colorizados, revestidos em molduras ovais, assentados no privilégio de salas antigas, povoadas por cristaleiras e o ranger de tábuas largas, avisando o tempo.

Ontem começou lá um festival de cinema chamado MoVa Caparaó. Esse festival está na sexta edição e ocorre a cada ano em uma das cidades da região. Esse ano está sendo em Alegre. Há uma mostra competitiva, mas há também o resultado de várias oficinas de documentário, realizadas com a alunada da rede pública. Os meninos e meninas produzem filmes como gente grande, contam histórias de tambores, de comidas, músicas, oficios tradicionais e outras invenções regionais. Histórias daquelas terras altas, da cultura cabocla, agrária, lendária, fantástica. Mas o centro de seus filmes não é o café, a montanha, a mata ou o frio civilizador. O núcleo é sempre o homem. Vale a pena ir lá conhecer.

As gentes das montanhas — como diz a amiga Tânia Silveira, nascida lá pelas bandas do Iúna, mas que já rodou muito esse mundão — a gente da montanha pensa diferente dos litorâneos. Vê a água nascer mirrada e engrossar montanha abaixo. Precisa dos que vivem nas propriedades acima e tem que respeitar os que estão abaixo. Os bens e os riscos da terra são compartilhados num código mudo de comportamento e ética.

Domingo ela e seu companheiro Charles nos convidaram para ir na Festa do Tropeiro em Ibatiba. Partimos de manhazinha cedo com a promessa de que comeríamos o maior feijão tropeiro do mundo. Dito e feito. 840 quilos de feijão tropeiro. Muito bem feito por sinal. Apesar da quantidade, estava bem temperado, havia bastante lingüiça e os torresmos pareciam um arquipélago polinésio aflorando no mar de feijão. Tudo muito e bom. Depois descemos a BR-262, antiga rota de tropeiros, e, ao passar por Domingos Martins, não resistimos á provocação pluriétnica que só o Espírito Santo pode ensejar, e fomos comer salsichões e apstrudel. Tive vontade de beber um steinhaeger, mas para isso vou ter que voltar lá depois. Hoje fico aqui por Alegre, tomando Filin Medeiros, ali mesmo de Dores do Rio Preto.



Avião II — Na Amazônia Setentrional

Depois de três horas sobrevoando o verde sem fim aterrissamos num pequeno rasgo em meio à floresta, o coração fugindo pelos olhos, o cérebro, pendulando da razão ao sonho, buscava na memória as primeiras leituras sobre a selva amazônica na revista Manchete e a série de TV chapa branca, "Amaral Neto o Repórter", mostrando com orgulho as máquinas amarelas derrubando quilômetros de árvores para construir uma imprópria, impensável, desnecessária, transamazônica.

Um dia ainda vou l\u00e1 conhecer esse mundo equatorial
 e essa gente bonita que vive outra vida que n\u00e1o posso ter.

O milagre econômico escondia o desastre da exceção e o torniquete da liberdade, amordaçada em porões e cofres de Veraneios negras. Os quartéis desferiam ferroadas e dentadas Amazônia adentro. O cérebro pendulava ainda mais. Oscilava entre a vergonha e o êxtase.

Ali, exatamente ali, onde pousamos passara a Perimetral Norte, parte do complexo rodoviário da Transamazônica. A floresta já havia tomado de volta boa parte que fora surrupiada por máquinas, homens e gabinetes distantes. Mas não retomou o que a tragédia biológica, levada em narizes, suores e mantimentos, ceifou de vidas.

Centenas e centenas de Yanomami ao serem contatados, sucumbiram a gripes e outras afecções, ainda mais banais, cujos remédios são corriqueiros nas gôndolas das farmácias. Onde há farmácias e médicos. Essas mortes a floresta não pode restabelecer.

Ainda atordoado pelo vôo, pela floresta e por esse confuso painel memorial, avisto o primeiro yanomami vindo em minha direção. Estava nu, pintado de preto da cabeça aos pés, com uma bucha de tabaco entre os dentes inferiores e o beiço. Veio muito sorridente em minha direção e eu, um ignorante ocidental, estendi a mão e ele me deu um abraço. Os yanomami são assim mesmo, muito calorosos, mas também muito gozadores e brincalhões. O homenzinho pintado de preto, me abraçou de nunca mais largar, eu fiquei emocionado, mas logo depois logrei sua estratégia; quando finalmente me soltou eu estava todo borrado de preto como ele. Outros Yanomami que se aproximavam riam de não mais poder, apontando o gordão carimbado que acabara de cair no mais velho de seus chistes tribais. Me senti em casa, imediatamente.

Outros aviões da expedição iam chegando e nós arrumávamos o equipamento para embrenhar na selva rumo à aldeia Demini, ansiosos para conhecer o Pata — o mesmo que cacique na língua deles — Davi Kopenawa, a maior liderança Yanomami e responsável direto pela demarcação daqueles territórios indígenas. Estávamos ali junto com um grupo Xavante que pela primeira vez entrava na floresta amazônica para retribuir uma visita feita pelos Yanomami, um mês antes, em Matogrosso. Estívemos lá também.

Quando entramos na selva um bando de centenas de borboletas formou-se em nossa frente. Era um sinal de que nossa ignorância sobre aquele mundo é muito maior que nosso engajamento ambientalista ou nossa patética compaixão pelos habitantes da floresta.







As Ferramentas do Álvaro

Eu vou logo avisando; aprendi a nadar no rio. Primeiro num canalzinho lá na Ilha da Luz onde também aprendi a bater peneira para pegar camarão. Eu tinha cinco anos e com seis já atravessava a língua grossa do rio Itapemirim observando as distâncias para traçar uma diagonal perfeita que me levasse até onde os mais velhos mergulhavam às cegas para pegar carás, camarões e lagostas. Bichos que vivem nas locas sucumbidas sob a água em movimento. Mas nunca aprendi a remar muito bem. Nosso bote da família foi levado numa enchente brava, quase igual à de 37. E, se minha vó, que vira o cometa de Halley em 1910, assim afirmava, então é porque era sim.

Andávamos muito para ir até os córregos e açudes perto do Itabira. Gostávamos muito do banho perto do pontilhão da Leopoldina Railway. Quando estava muito vazio, passávamos horas represando parte do córrego, empilhando pedras e amalgamando tudo com barro. Quando a água estava na altura certa já era hora de ir embora, nunca sem antes vasculhar o corpo atrás das inevitáveis sanguessugas. Sempre guardados por setas (nem estilingues, nem bodoques) e uma sacola cheia de bolas feitas de barro branco ou pelotas de minério de ferro,



generosamente doadas pelas bocas abertas dos vagões enfileirados nos comboios da Vale. Eram bem redondas e pesadas; na medida certa para abater rolinhas, anus e qualquer sorte de pequenos bichos que nos atravessasse, desavisados, o caminho.

Muito natural que ao mudar para Vitória, buscasse um bairro de periferia onde cavalos ainda são vistos a caminho do banho na lagoa, ladeados por meninos especialistas em montar e cavalgar diretamente no pelo do animal. Bairros onde bagres e cascudos ainda vivos são oferecidos na porta de casa dentro de sacos vermelhos outrora habitados por laranjas. Hoje moro em Joana D'arc, mas já morei no Tabuazeiro com meus queridos: Penha, Pedro e Orlando.

Lá recebíamos amigos no terraço, mas, não raro, reuníamos na copa para decifrar a vida comendo e bebendo. Numa dessas imprescindíveis reuniões para o destino da humanidade, lá pelo mês de Dezembro, época de muita manga e sol, o calor pingava e escorria. No teto da copa um ventilador girava a toda, no entanto incapaz de movimentar o ar para nos salvar do derretimento. Quando muito, de minuto em minuto, ondulava o paninho bordado por dona Jussary. Assentado sobre a velha cristaleira.

Desconsolados mas renitentes, continuamos tocando a ardente festa até que cheza lá em casa o Álvaro Abreu e. em dois

tempos, percebendo o forno e o desolamento geral, Pergunta.

- Tem aí dois palitos de fósforo ou de dentes?

Subiu numa cadeira empunhando os dois palitos, torceu levemente as pás do ventilador e calçou a torcidura com os palitos.

Ventou.

A festa resistiu na copa refrescada e o mundo foi salvo por um pouco de física e engenharia na manobra do Álvaro. Homem atemporal capaz de submeter os algoritmos do inferno binário das máquinas de pensar aos caprichos da tecnologia humana.

Com dois palitos.





COM GRIPE OU SEM GRIPE O PORCO É DA LATA

Quem já tinha idade para entender as coisas nos anos 80, mais precisamente em 87, há de se lembrar da história do navio pesqueiro chinês Foo Lang III, que mais tarde envergou a bandeira do Panamá sob o sugestivo nome de Solana Star

Qual história? A história das 20 mil latas de maconha que foram jogadas no mar e empestearam as praias entre o litoral do Espírito Santo e Santa Catarina. Pois bem, o conteúdo das latas acabou se tornando famoso pela qualidade de destino e virou até sinônimo de coisa boa. — Pode comprar maluco, esse aí é da lata.

Desde então, embora mais perpetuado no Rio de Janeiro, ser da lata é ser bom, confiável, com garantia de satisfação. Acabou até emprestando o primeiro nome para a banda Solana, que vem provando, a cada dia, ser também 'da lata'.

Eu mesmo tive o privilégio de ter em minha frente duas dessas latas recém saídas das águas verdes de Ipanema. Atrás e envolta delas uma alegria incontida nos olhos de uns 15 surfistas e outros cabeludos afins. Essa alegria nos olhos logo ficou dificil de ver na moldura pequena das pálpebras quase serradas contornando o paspatour vermelho.

Mas há outras coisas boas nessa vida que são acondicionadas em latas sem terem sido originalmente projetadas para isso.

Ano passado, durante trabalho na região do Caparaó, conheci, em Muniz Freire, entre outras adoráveis pessoas, a família dos Feletti, que mais tarde descobri ser o berço de nascença de meu grande amigo e fotógrafo, Lino.

Eles moram em uma localidade com o nome de Saudade, hoje bem sabido por mim o porquê.

Eles são tradicionais trabalhadores do campo e pequenos proprietários rurais, fazem açúcar mascavo, rapadura, melado, vinho de jabuticaba, plantam café, têm criação de animais e um campo de bola de pau onde recebem os amigos para um joguinho amigável, cheio de piadas e gozações. Eles também cantam como um coral ensaiado, irmãos e irmãs, primos, filhos e netos. Posso dizer que hoje sou melhor porque os conheci. Posso também dizer que hoje sou um pouco mais gordo pelo mesmo motivo.

Desde menino eu tinha um sonho de, não só comer, mas possuir um porco inteiro frito e acomodado em latas, como reza a tradição dos antigos. Assim eles faziam porque não havia geladeira e a banha cobrindo a carne bem frita e temperada impedia a ação aeróbica das bactérias. Essa prática de fazer a carne de porco na lata acabou gerando

uma das melhores iguarias que conheço e que o mundo também deveria.

Contei à Laurinha Feletti sobre meu interesse pela carne 'da lata' e ela me provocou dizendo que se eu arrumasse o porco ela dava um jeito de fazer o bicho conforme as tradições. Ela acabou arrumando uma porca Piratininga, criada como caipira e pesando umas sete arrobas. Foi amor a primeira vista, me encantei pelo animal e marcamos o dia da farra. Partimos eu, minha querida Penha, meu irmão Claudio e uma pequena parte de sua numerosa família, rumo às maravilhas porcóreas. Lá cumprimos todo o ritual dos procedimentos para a confecção da iguaria. Desde amarrar o bicho até a fritura em tachos e respectiva acomodação nas latas. Quando digo que cumprimos todo o ritual preciso esclarecer que coube a mim a tarefa de encher e servir os copos de pinga necessários ao servico. Cheguei a cansar porque não foram poucos copos. Muito serviço, muito porco. Foi um dia da lata.



Avião III — Meu amigo Yanomami

Entramos na aldeia Yanomami e por mais que tenhamos tentado adivinhar nosso súbito e patético deslumbramento, a realidade atropelou a ignorância e chapou em nossa frente algo muito mais que a surpresa. Entramos no chabono e vimos cerca de 150 indígenas formados em quadrinhamento de guerra com arcos e burdunas em riste, pulando, pé em pé, e soltando gritos animais. Eram boas vindas aos Xavante, mas em sinal de que, se necessário fosse, a porrada estava garantida.

Entre eles havia um mais velho, todo pintado de preto, nu e com os cabelos arrepiados, provavelmente um dos maiores guerreiros da tribo, demonstrando a possibilidade de partir pro pau brandindo a burduna, ameaçador. Na verdade dançava e passamos a chamá-lo de James Brown.

De noite, as mulheres, num ritual raro de branco ver, dançaram e cantaram mantras da ancestral cultura yanomami. Estava tudo no escuro e nos tinham falado que a dança nunca tinha sido filmada e por isso não se podia acender a luz. Acabaram por deixar e filmamos tudo à luz de velas; essa noite sempre me atravessa a memória no breu das madrugadas sem lua e nos dias que meu coração faz sombra.

No outro dia, sem que houvesse combinação, programou-se um Xapori para curar a sogra de Davi kopenawa, Pata da aldeia. Xapori é uma espécie de pajelança hippie. O feiticeiro ingeri uma quantidade indizível de um pó chamado Yequana e, possuído por espíritos floresta, dança e canta para extirpar males que só os seres espirituais podem yer naquilo que achamos meras enfermidades.

O próprio Davi é Xapori e começou ele mesmo o rito de cura. Ocorre que entre os visitantes havia um outro yanomami chamado Besouro que ia além dos xapori comuns e transformava em objetos reais e palpáveis as flechas do além que tirava espiritualmente das pessoas. Ele ia cantando, impondo as mãos e, de vez em quando parava e regurgitava o que pareciam ser pontas de flechas do tamanho de um dedo, e a espessura de um palito de churrasco. Difícil imaginar. Desnecessário crer. Uma flecha não depende de fé ou crenca.

Besouro e Davi iniciaram o xapori. Horas depois, o diretor de fotografia, Leonardo Gomes, cuja amizade me honra os dias e a cumplicidade calça nosso trabalho de documentaristas, se achegou perto dos Xapori pra observar melhor a cena. Davi, aproveitando a proximidade, quase encostando o nariz em Leo, tomado pelo transe do yequana, sob o controle de espíritos da floresta, sem disfarçar a satisfação, encarou o Leo e disse. — você é filho de Omawë.

É Yanomami, yanomami. Alisou a cabeça de Léo por vários minutos, seguido do mesmo gesto por outros Yanomami durante o xapori. Quando tudo acabou vários índios vieram e alisaram a cabeça de Léo.

- Yanomami, yanomami.

Desde aquele instante passei a ter, mais que um amigo. Um amigo yanomami, filho da floresta equatorial, condecorado por Davi Kopenawa. Leo passou a ser considerado da aldeia e se quisesse por ali viver, teria o apoio de todos os homens, mulheres e espíritos do Demini. Depois desse dia freqüentemente vi índios abraçados e alisando a cabeça de Leo. Agora ele era um igual. Eu não, eu era de segunda categoria. Um gordo enorme roncando na rede vermelha. Atrapalhando a noite amazônica.



O BAR DO JOÃO

Pé de porco, paio, carne seca, torresmo, costelinha, jiló, chouriço, língua de boi ao molho madeira e cogumelos. O que você quer?

Lembro do natal de minha infância, íamos até perto da velha estação, as ruas fervilhando e o bonecão das casas Lealtex, balançando os braços e anunciando as promoções do reclame e me metendo medo: a paradinha interminável na Vencionex para conversar com o velho amigo Ernanes, gente esbarrando, comadres a muito desencontradas, verificação frenética de bancas de tecidos infestados, colchas estampadas e lençóis de algodão. Toda sorte de obstáculos perfilava o caminho ao longo da jornada anual entre nós e A Mestica. Todos os brinquedos que víamos nas revistas estavam lá no segundo andar da loja. Cuidadosamente desarrumados nas estantes cobiçadas, como olhos e coxas durante o sorriso de uma mulher que se deseja. Banco Imobiliário Junior, Montebrás, o Pequeno Arquiteto, O Forte Apache, Índios e Cowboys com pinta de Bonanza, Bat Masterson e até Daniel Boone e seu amigo Mingo. Não havia muito dinheiro e as escolhas deviam ser estritamente criteriosas, mas era sempre bom renovar o estoque de Pega-varetas, de Dominó e quebracabeças. Um brinquedo mais caro e um monte de badulaques

em geral era o que sempre vencia. Lógico, havia também o presente que comprávamos com dinheirinho economizado sabe-se lá como. Quase sempre mais índios, para formar as tribos imaginárias, e soldados para combatê-las. Ao contrário da dureza da história, Cavalo Louco e Jerônimo sempre venciam em nossas aventuras no Oeste Norte-americano.

Como escolher impunemente entre um paio no feijão, com muito alho dourado e um farto punhado de cheiro verde por cima, em detrimento de uma porção de cubos irrepreensíveis de torresmo, alguns chegando ao tamanho de um punho, todos com muita carne e gordura no ponto.

De que forma renegar a língua de boi em favor de pés de porco, escolhidos e cozidos no mais brasileiro dos grãos — e cabe aqui um embate entre o feijão e o milho —.

Lá no bar do João, oficialmente batizado Adega do Marujo por conta do hábito fumeiro de seu dono; lá nesse bar, às vezes, é necessário pedir primeiro um pedaço de chouriço e uma boa pinga para só então decidir qual será o brinquedo principal a alegrar nossa mesa. Fica alí perto do primeiro sinal da Serafim Derenzi ao lado do campo do Lolão. Essa é minha nova loja de brinquedos; nela nunca ouço música que não quero ouvir. João é uma rádio de ótimo gosto. E sua frequência bate surdo, toca pandeiro e cavaquinho.

Ao lado do bar tem um pequeno quintal onde várias rodas de samba se formam em dias variados. Sem uma liturgia muito rígida, o samba no Bar do João só não tolera enganação. No quintal tem um coqueirinho que às vezes abriga uma família de morcegos naturebas. Ao invés de hemácias, preferem água de coco, com bastante potássio.

À tardinha, ainda de cabeça para baixo, eles educadamente ouvem o samba a toda. Fico pensando se é uma boa forma de ouvir Nelson Cavaquinho. Neles me vejo pendurado olhando os violões lá embaixo, preparando a sala para a chegada de Wilson Batista e a flauta do Tonin Perim anunciando Geraldo Pereira. Flávio Lopes bate o surdo e Blecaute gosta. Elegante, Cartola tritura o mundo triste das ilusões na harmonia de seu moinho sem pás. Eu vôo de volta ao mundo sem graça de cabeça para cima. João, de sorriso sempre esparramado, abre uma gelada, canta, barítono, um pedaço da música e a vida vai assim continuando. Rítmica. Sem atravessar o tempo. Súbita, sincopada.



MÚSICA

Era uma velha vitrola Philips, portátil e que pegava seis pilhas grandes. O primeiro disco, um Frank Sinatra com direito a My Way. Entre os primeiros Lps adquiridos um Martinho da Vila, Paulinho da Viola e Paulo Diniz. Compactos: Maria Bethânea, Caetano e um vinil de brinde da revista Pop com Clapton e Hendrix. No mesmo ano Sergio Sampaio trouxe do Rio de Janeiro O Expresso 2222 do Gil. E até hoje eu lembro meu espanto quando ouvi: "Se oriente rapaz, pela possibilidade de ir pro Japão. Num Cargueiro do Loyd lavando o porão". E pronto. Acabou ali qualquer possibilidade de minha vida não seguir pelos caminhos da música. Nunca consegui me profissionalizar, nem tronar-me minimamente erudito ou qualificado para viver dela. Virei compositor intuitivo que não sabe nem direito conceituar um sustenido.

Mas só ganhei um violão quando fiz 16 anos. Já havia um em minha casa no qual brincava e arriscava umas melodias riscadas sempre ao longo de uma única corda. Engraçado que só comecei a compor quando ganhei o meu e nele fiz a primeira canção em parceria com um querido amigo que há muito não vejo, nem falo, mas de quem guardo, no coração quente, as melhores lembranças. Joaquim Neiva de Resende Junior. Grande compositor e

amigo. Depois ele parou de fazer músicas, até hoje não sei o porquê. Era bom demais para ter estancado o talento.

No entanto faz cinco anos que nada componho. Chegou um dia em que desliguei deliberadamente o botão de minha pobre veia de compositor. Agora, sem que tenha planejado, ela está estufando e, qualquer hora dessas, tenho certeza de que vai sangrar. Temo pelo que virá, penso que nunca vou reencontrar a embocadura.

Dessa vez vou tomar cuidado para que ela, a música, não vire novamente um buraco negro que sugue tudo em minha volta. É só um gosto. Uma necessidade. Desimportante, leve serração em manhãs de roça. Logo o sol dissipa e o dia comeca. Assim será se ela voltar.

Hoje passeio os olhos sobre meus vinis e me pergunto onde ficou aquele tempo confortável da infância e adolescência. Vi outro dia o teto do campus da UFRJ na Praia Vermelha ser lambido por labaredas nem tão assustadoras. Foi naquele conjunto arquitetônico antigo que estudei e persegui a boemia pelos anos 80. Sou dessa geração nascida perto de 1964, que viveu a infância no milagre lúgubre da ditadura militar e depois a juventude na decadência de uma inflação que não nos permitia sonhar amplo, mas que também não chegou a nos tirar a alegria, que essa não precisa de substância para vicejar.

Não posso reclamar, foi no fim dos anos 70 que vi pela primeira vez meu grande amor. Que só reencontrei cinco anos depois. E, depois, mais treze anos até poder ladear com ela uma vida que não desiste de mim. Que me faz todos os dias querer acordar e olhar em volta para capturar seus movimentos, perfume e presença. Sou um homem feliz, mesmo sem a música. Se ela não voltar, já tenho mais que mereço.







Avião IV — Adeus ao paraíso

A aldeia Yanomami do Demini vista de cima parece uma grande rosca com um terreirão redondo e descoberto no centro. Havia três entradas que eram fechadas assim que a noite caía e aí, caso os imperativos da digestão determinassem qualquer expelimento a coisa tinha que ser feita ali no breu dessa área central. Em princípio achei meio desapropriado, mas alertado quanto aos espíritos da floresta e das onças que gostam de atacar criaturas acocoradas na mata, compreendi a precaução. Na primeira madrugada vi uma força tarefa Yanomami, liderada pelo nosso querido James Brown, retirando todo e qualquer resquício da passagem humana pelo centro da aldeia. Eles são muito limpos.

E foi por conta da higiene que me tornei uma atração durante os três dias no Demini. Todos os dias tomávamos banho, a equipe, os índios, as índias e os indiozinhos, em um igarapé próximo. O fiapo d'água não tinha mais que setenta centímetros de profundidade e, por isso, quando eu ia pro igarapé os pequenos Yanomami me seguiam e riam aos tampos da anta avantajada tomando banho de canecão na rasura do córrego. Além dos banhistas por ali voavam sempre um bando de borboletas coloridas.

Numa das manhãs eles prepararam uma festa com muitas danças e todos, os Xavante e a equipe, foram pintados e besuntados com uma cola de banana para que as penugens brancas de pássaros trazidas em embornais da alta costura yanomami ficassem grudadas em nossas cabeças. Cumprimos assim a etiqueta do cerimonial. Pintados e enfeitados a caráter, almoçamos carne de queixada moqueada e salgada com cinzas de árvores. De guarnição um bijuzão de mandioca postos a curar e secar sobre as palhas do teto da grande rosca casa.

Naquela tarde Noé mandou uma chuva tão grossa que me fez pensar em inundação e lamaçal. Logo percebi que a engenharia Yanomami é meticulosa e certeira. Observei as caídas de água de um sistema de drenagem perfeito. Acabou a chuva e tudo secou em minutos; na área coberta nem uma goteira se fez por entre a trama das palhas. Percebi ali que primitivo é ser refém de grandes tecnologias e padecer das parafernálias que precisamos dominar ou pagar a quem domine para termos confortos e facilidades que em muito não precisamos.

Chegou o dia de voltar para Roraima e enquanto aprontávamos as coisas o escambo se formou e uma feira se fez. Tudo tinha algum valor, desde as redes que levamos até pilhas de rádio, camisetas e outras bugigangas. Da parte deles; arcos e flechas, enfeites e até uns adereços de magia. O importante era

comercializar objetos e desejos. Arokona, um de nossos amigos Yanomami, quando nos pusemos mata adentro em direção à pista de onde decolariamos para a descartável civilização, disse que ia chorar 45 dias a nossa falta. Em sua cultura oral é o jeito de lembrar o máximo possível dos acontecidos de nossa passagem por lá. Chorar é lembrar e guardar para sempre nossa pequena história para contar, à luz do fogo, nas noites equatoriais a outros Yanomami.

Chegamos na pista e esperamos umas três horas pela chegada dos aviões. Corremos o risco de ter que ficar por ali muito mais tempo porque chovia muito no meio do caminho e era perigoso voar. Depois de horas o nosso monomotor chegou e, após muita despedida, decolamos. Eu estava quase morto de cansaço porque havia dormido muito pouco para aproveitar o máximo minha passagem por lá. Dormi e acordei me sentindo uma peça de roupa na máquina de lavar. O avião atravessava uma tempestade e sacudia de todo jeito. Olhei a cara do piloto e achei melhor rezar. Fui atendido. Era só um tufo de chuva e raios que atravessamos em cinco minutos de pavor. Pousamos em segurança, fomos para o hotel e naquela noite bebemos toda a Amazônia.

Meu querido Arokona, chorei essas quatro crônicas para lembrar e guardar nossa amizade.



MEMÓRIA INUNDADA

A ponte suspensa de cabo de aço e ripas de metro e meio atravessada sobre a água brava balançava muito. Eu era um menino de algumas convicções religiosas em esquizofrênica simbiose com um racionalismo ateu reluzente e desproporcional feito crista de galo garnisé. Supliquei ao pai celeste que me salvasse o corpo e fizesse da alma o que bem entendesse. Mas, depois dessa ponte, onde, óbvio, meu pedido foi atendido, embora deus ainda não tenha revelado o que fará de meu pobre espírito, muitas outras pontes se seguiram; mais assustadoras, mais altas e com os cabos de aco iá sem manutenção.

Meu irmão morava no Norte do Paraná e a família toda estava lá para os rega-bofes natalinos. Aproveitamos e fomos visitar as Sete Quedas no ano em que o lago de Itaipu começaria a se formar e fagocitar a boca espumante do rio Paraná. Mordendo a carne dura da terra naqueles quenions profundos.

Mais uma vez medo e fascínio. Mais uma vez o medo de altura. Mais uma vez o banho de rio. Quando chegamos à cachoeira principal, vimos ser possível tomar banho; bem pertinho do salto sem sermos arrastados pelo grito branco da água quebrando. Coroada por seus arco-íris multiplicados e permanentes. Papai me pediu que guardasse uma pedra de recordação, já que, em poucos meses, tudo ali estaria sob o silêncio das águas turvas e os peixes poderiam finalmente vasculhar as escarpas por trás das cortinas líquidas, antes, tão impossíveis de subir. Guardei uma pedra no bolso do calção, Parecia um enterro. Olhei as águas e, contrito, chorei.

Ficamos mais um pouco por ali e logo voltamos pelo longo caminho cheio de pontes e medo. Todos nós nos sabíamos santos, pois que vimos a face de Deus refletida nos abismos aquosos, imperfeita pelo espelho atormentado de nossas dívidas.

Na volta, já nos carros, fomos conversando sobre Itaipu e de como os muitos apagões de nossa infância não mais aconteceriam. Fomos fazendo a conta de quantas vezes brincamos de montar sombras no teto da sala usando as mãos e outros objetos acima das velas. Mamãe ia pra cozinha fazer pipoca e ficávamos contando histórias, passando o tempo até que a luz voltasse enchendo de tristeza nossa noite de alegrias e risadas. Ainda mais felizes quando, junto ao breu, chovia e relampejava.

Vovó nos proibia chegar perto dos espelhos e abrir torneiras de metal. Tesoura nem pensar e, se as trovoadas fossem muito perto, alguém tinha que cravar um machado no pé de saboneteira para servir de para-raio. A luz trazia nos

feixes elétricos a razão à tona. Mas nós preferíamos a fantasia do mergulho e o tremor quente das velas.

Os apagões de minha infância não vão virar uma disputa patética e deselegante. Que venham as imperfeições. Elas são como a sucessão dos dias. Que venham os erros. Pois que são nosso tecido principal. Por favor, respeitem minha lembrança. Memória de um tempo mais próximo da vida orgânica, distante dos saberes virtuais e o frenesi das informações.

Pai, perdi a pedra, mas aquelas cachoeiras brotam em meu peito todas as noites, para sempre.



6.5





BERNARDA, NÍCOLAS E ROBERTA. O QUE HÁ DE BOM

Lembro quando li pela primeira vez Federico Garcia Lorca. Tinha dezessete anos e cursava o terceiro ano e prévestibular juntos lá no Rio de Janeiro no cursinho GPI do Méier. Eu morava em Bonsucesso e todo dia me apinhava junto a mais umas cem pessoas num ônibus azul cujo número me foge a memória. Em frente à escola havia, indefectível, o bar do João. Corria o ano de 81 e com a anistia os exilados estavam voltando, entre eles o ídolo do João, Leonel Brizola. Ele gostava tanto do gaúcho que tinha um pôster antigo dele escondido na cozinha do bar. Quando vi o quadro de sua devoção perguntei como se dera o inusitado apreço. Ele me contou que seu pai era espanhol e que havia lutado na guerra civil espanhola. João herdou do pai as convicções socialistas e acabou vendo em Brizola uma liderança com ares meio hispânicos.

Ali conheci o já poeta e futuro matemático, Jorge Petrúcio. Nós estudávamos e bebíamos juntos pelos subúrbios do Rio. Ele me apresentou Lorca enquanto a gente, pela primeira vez, compunha uma canção juntos; depois dessa primeira composição vieram muito mais parcerias. Petrúcio me apresentou o poema "As Seis Cordas", que até hoje me embala a admiração irredutível e enche de soluços o velho peito.

ronicas_tujas_miolo.indd 67 🚯 03/12/2013 16:42:36

"A guitarra faz soluçar os sonhos./ O soluço das almas perdidas/foge por sua boca redonda. E, assim como a tarântula,/tece uma grande estrela/para caçar suspiros que bóiam/ no seu negro abismo de madeira."

Semana passada tive novo encontro marcado com Federico, mas nem imaginava que o encontro me encheria novamente os olhos de admiração e que me seria renovado o gosto pelo teatro. Fui assistir "Bernarda por detrás das Paredes" lá no Coletivo Folgazões, Repertório e Cousa; num casarão vermelho que fica na ladeira de acesso para a Catedral Metropolitana. Lá as companhias de teatro Folgazões e Repertório se juntaram à editora Cousa e montaram um belo espaço que pode abrigar produções de bolso com elegância e bom gosto. A montagem do espetáculo é da Companhia Repertório que produziu uma bem pensada colagem de "A Casa de Bernarda Alba" de Lorca e "Arte Poética" de Aristóteles. São só trinta lugares por apresentação; trinta bocas abertas de admiração pelo talento exuberante dos atores Nícolas Lopes e Roberta Portela. Os dois incendeiam nove personagens num rodízio de almas sem trocas de figurinos.

Embalados por uma trilha executada ao vivo composta por Dori Sant'Ana e arranjada por Fabio do Carmo —, Nícolas e Roberta despejam um turbilhão de linguagem teatral aos trinta incautos espectadores. Quase que dá para morrer de tanto que não se respira.

Há muito que não fico tão entusiasmado e feliz por ter saído de casa rumo a arte. Foi o último fim de semana da temporadinha que encenaram lá no Coletivo. Mas me garantiram que em bem pouco tempo retornam ao palco para nova temporada. Recomendo esse prazer a todos; e adiciono que façam como fiz: depois de ver, Nícolas e Roberta, desçam até a rua Sete e arrisquem umas cervejas. Talvez até sintam passar por ali um cortejo andaluz soprado por Lorca, encabeçado por Bernarda e suas cinco tristes filhas.





VITÓRIA

Mudei para Vitória em 2004. Fui morar em Taboazeiro porque quando fomos olhar uma casa para alugar havia um cavalo amarrado na casa do lado e, do outro lado, o Dauri varria as folhas da mangueira, caídas no pátio de seu bar. Daí a pouco passou um sujeito vendendo peixes de rio que ele mesmo havia pescado.

Boteco, cavalos e peixes nos convenceram com facilidade a escolher aquela casa e essa região que nos abriga até hoje; com a diferença de que agora habitamos uma casa em Joana D'arc onde continuamos recebendo os amigos sempre que podemos. Muita música e conversa completam o cardápio sempre caprichado que a Penha monta; eu contribuo dignamente com a manutenção de um acervo de boas pingas capixabas sempre a disposição das goelas afeitas. Lógico, quando em vez contribuo ainda com a aquisição de alguma delícia da gastronomia regional como agora que um tablete de torresmo prensado está confortavelmente aconchegado em nossa geladeira.

Ao longo desses anos fomos abraçando e sendo abraçados pela Ilha. Pudemos observar, em muito pouco tempo o crescimento avassalador da capital e aprendemos, com facilidade, a ter Vitória como nossa aprazível casa. O Centro da cidade é um monumento muito querido aos nossos olhos. Não bastassem os casarões, prédios antigos, praças, ladeiras, escadarias e as velhas árvores, há as pessoas. A rapaziada do centro reúne uma fauna heterodoxa que vai do mais puro rock and roll ao mais original do samba. Parece uma confeitaria com uma quitanda nos fundos e um boteco no mezanino. Adoramos.

Maruípe tem toda uma vida de bairro com armazéns de secos e molhados, doceiras, sapateiros, muitos músicos e grandes cozinheiras. Uma ioia de heranca.

A Praia do Canto com seu ar meio Ipanema sexta-feira é sempre uma garantia de boemia predatória. Quem sai para caçar de noite prefere aquela parte da ilha. Eu prefiro sair por ali de dia. O lugar tem uma luz que não vejo em nenhuma outra parte.

Jardim da Penha para mim é o Cochicho na rua da Lama. Geraldo e Conceição garantem a melhor tradição de nossa envergadura de redutos culturais libatórios. Não se iludam: muita gente Brasil afora, quando se fala em Vitória logo pergunta. — aquele bar genial com o melhor repertório musical que eu já vi ainda funciona? Sempre tenho muito orgulho de responder: lógico; Geraldo é imortal, o Cochicho funcionará para sempre. E quando Conceição avisar que a cerveja acabou nem adianta discutir; é hora de ir.

E tem Santo Antônio, Alagoanos, Caieiras, São Pedro, Romão e por aí vai. Sem falar nas cidades vizinhas, Cariacica do Pantera, Vila Velha da Prainha, Serra do Mestre Álvaro e de Manguinhos.

Hoje, depois de rodar por aí sinto que sou filho de duas capitais; uma é secreta e a outra repleta de motivos para minha adoção.



GEOGRAFIA NACIONAL CAPIXABA

— Tá pensando que fazer filme é fácil? Eu tive que engordar nove quilos para fazer o filme do João Moraes. Depois ficam aí falando de Touro Indomável, De Niro não sabe o duro que dei.

Afonso Abreu ia contando e aumentando um pouquinho. Na verdade viajamos uns sete mil quilômetros pelas veias e veios do Espírito Santo para rodar o documentário "Viagem Capixaba". E levamos com a gente uma grande partida de torresmo prensado — para quem não sabe, também o torresmo tem do solto e do prensado — e generosas garrafas de Pouso Alto.

De Presidente Kennedy a Itaúnas, passando pela região Serrana, Muqui, Castelo, Norte e Noroeste capixaba, nossa caravana, perfilada por Afonso, eu, Ronaldo "Sanguebom" Barbosa e o nosso intrépido cinegrafista Wellington, onde parava, depois de extenuantes filmagens, era um tal de provar farofas e outras guloseimas mais adiposas, sempre coroadas com o torresmo e a boa cachaça.

Ele engordou sim os nove quilos, mas foi ao longo dos três meses em que trabalhamos.

Durante as gravações, em uma dessas idas e vindas, numa tarde cor de manga, saímos de Regência para Vitória

conicas_sujas_miolo.indd 75 (03/12/2013 16:42:37

depois de Afonso liderar um motim pela permanência no vilarejo até o dia seguinte, alegando respeito à lua cheia que ia sair e que não podia ficar sem a celebração adequada — provavelmente com Pouso Alto e mais torresmo prensado. Falou mais forte a responsabilidade e o cansaço; nos enfiamos nos carros da equipe e zarpamos rumo à capital.

Afonso, não muito satisfeito, pediu pra pisar no acelerador, já que não era pra ficar em Regência. A cortina do poeirão ia se abrindo pelo retrovisor e o sol secava as lembrancas nos olhos. Já estávamos, depois de três meses, no fim das filmagens e, desde o primeiro dia procurava por uma cena com gaviões que havia pensado para uma passagem importante do "Viagem Capixaba". Pois não é que bem ali na nossa frente um Gavião do Peito Branco terminava o extermínio de uma jararaca de quase dois metros de comprimento? A cobra estava toda bicada, mas ainda se movia um pouco. Com a aproximação dos carros o gavião ergueu a serpente nas garras e, com muito esforço e vigorosas batidas de asas, a carregou para o outro lado da cerca. Quando deitou a cobra no chão, percebeu que estava cercado por um bando de guero-gueros camicases de intrépida índole bélica. As aves marrentas imprimiam rasantes, zunindo barulhentas para cima da rapineira que desviava abaixando a cabeça e abrindo as asas. Tentamos, desesperados, captar a batalha plástica,

mas demos azar; o gavião vazou na braquiária, voando rápido no céu quase rosa da tarde praiana. Estávamos nervosos e ansiando a volta do predador em busca de sua valiosa presa tão meticulosamente esburacada pelo bico curvado e as garras samurai. Entre o abismo da dúvida se havíamos conseguido ou não o melhor da cena e a alegria por te-la presenciado, ouço a voz projetada do Afonso — João, ô João, vão bora. Isso aqui né National Geographic não, pô.



Uma Copa bariátrica em Si bemol

Em minha longa jornada copa adentro vou convivendo com duas restrições que não imaginava ter que atravessar. Esperava uma copa com futebol mais gordo, exuberante e a TV só emite jogos anorexos de técnica e emoção. Os campos pequenos, a força física e o obsessivo Si bemol das vuvuzelas são cenário, narrativa e trilha sonora dessa magra cinematografia. E eu, um gordo convicto que há muito vem acumulando adiposidades e um gosto cada vez mais refinado por gorduras e proteínas, harmonizadas com nobres cachaças e outros alteradores líquidos de boa índole, acabei por ter que fazer a tal cirurgia bariátrica para restrição alimentar.

Canecas de sopa e água de coco são meus companheiros durante a mesmice das coberturas da copa, só esquentada pelas grosserias inexplicáveis do Dunga e das Maradonadas patéticas do hermano despescoçado. O Spa de gols na tela da TV vai se tornando uma irritante anfetamina daquelas que enchem as cápsulas bicolores dos chamados remédios manipulados para emagrecer. Eu sei, ao longo de minha vida já tomei muitas dessas na tentativa de perder peso, mas no correr dos dias o que perdemos é a calma e em seu lugar nos enche um ódio profundo por tudo que nos chegue perto.

Na cirurgia que cometi é colocado um anel na entrada do estômago para restringir a passagem de pedaços maiores de comida mal mastigada. Muitas vezes, quando o operado volta a comer sólidos, pedaços não devidamente triturados entalam no anel e o pobre coitado fica que nem um gato tentando expelir suas bolas de pêlo estomacais. Vejo na seleção brasileira esse anel no meio de campo cuja parte mais estreita é o Felipe Melo, mas a função nesse caso é não deixar passar o bom futebol que, só aos engasgos, vem produzindo momentos mais empolgantes e alguns belos gols.

Nasci em Cachoeiro de Itapemirim onde é sempre bom andar com um barbeador no bolso, pois que por lá torresmo bom só os cabeludos e no estilo babaloo, com aquele caldinho dentro. De uma cidade lá perto costumava contrabandear torresmo prensado que é mais sequinho e saboroso, embora tenha que ser desberlotado para o consumo. Lá aprendi a torcer e a comer. Acompanhando os jogos do fabuloso Estrela do Norte Futebol Clube descobri a magia dos dribles e um amor profundo dos jogadores pelo panteão alvinegro do time. Embora minha alma flamenguista me tenha tornado um esquizofrênico bandeirista. Cachoeiro é Terra de panelões e paneladas, onde ainda é possível comer um bom angu com miúdos de porco, incluindo os pulmões do bicho que a saúde pública insiste em proibir

Acostumado a paladares dessa natureza cresci e fui, quilo a quilo, me transformando num feliz senhor de 142 quilos até que meus pés e joelhos pediram arrego. Não havia mais o que fazer e acabei por grampear meu estômago para reduzir sua capacidade de ingestão. Logo meu querido bucho do qual sempre me orgulhei por sua capacidade lendária de digerir. Ah, quantas vezes tomei aquele copão gelado de Ovo Maltine acompanhado de miolos de porco à milanesa, devidamente encharcados de óleo velho, múltiplas vezes refritado. Depois cerveia, muita cerveia e pinga por demais.

Agora, ladeado por doses mínimas de quase nada para comer — na verdade beber — zapeando pelos canais em busca de um comentário que valha a pena, só ouço avaliações quase tão ralas quanto meu pasto. Chega a ser um paradoxo que o assunto mais recorrente dessa copinha magra seja a redonda e errática Jabulani. Antes, criaturas como Nelinho e Dirceu eram endeusadas pelo efeito que conseguiam dar nas porradas de fora da área, produzindo curvas inesperadas nas velhas bolas sem nome. Agora o efeito vem de fábrica e qualquer chutinho faz rebolar a Jabulani. Deixou de ser a senhorita bem tratada por pés caprichosos para ser uma bolinha de vida fácil.

Os craques da copa, que muitos apostavam, serviriam um banquete de lances geniais durante o espetáculo ludopédico, estão amargando um jiló chinfrim e sem recheio. O que me faz

lembrar que homens brilhantes como foi Armando Nogueira foram também capazes de cometer frangos e caneladas como qualquer mortal. Se não me engano na copa de 90 o Armando, ao ter que inventar uma bela e poética crônica no final de uma mesa redonda — paradoxal por ser também chata — me saiu com uma pérola oval digna de um passe lateral e mal calibrado daqueles que deixam o Paolo Rossi cara a cara com o goleiro. "Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça é ela a bolinha, que vem e que passa a caminho do gol". Na trave!

Lembro daquele maledito jogo de 82 que assisti comendo uma galinhada com vinho de jabuticaba, hoje um cardápio impensável para minha dieta de canário. Não porque citei o Paolo, mas por que acabo de ver a empatante e regular azurra dando um famélico adeus à classificação. E, recuando mais ainda na memória, me vem a imagem de meu bisavô carcamano quando recebeu a visita do pretendente da mão de sua filha e respondeu em sua fala ítalo-brasileira. "Vai casar, eco. Ela é profondamente laboriosa, mas fica sabendo que essa aí debaixo dos lençol é um tal de traqüe, traqüe per tutta la notte". E a seleção italiana não passou mesmo de um traque pela copa. E a França, a outra finalista de 2006, das asas de seu coq galois só passou um leve vento, um ventositè de busanfan de la patrie. Enquanto isso a rabada brasileira vai emplacando no cardápio.

Assisto copas desde 1970, gosto muito disso, mesmo quando não aprovo o futebol, esse torneiozão é bom de ver. Nessa de 2010 vou lembrando meus dias de gordo renitente e, sumindo e diminuindo minha capacidade de produzir sombra, sigo assistindo a esses jogos meio barro meio tijolo, futebol de bolo solado e maionese desandada. Vou apertado numa cinta detestável, emagrecendo a uma velocidade de 700 gramas por dia, volta e meia sorvendo uma canequinha de sopa de inhame com beterraba coados. E mesmo assim vou torcendo pela seleção brasileira com seu futebol feio, mas de gols bonitos, construídos aos espasmos e engasgadas. Torço para o scratch Brasileiro ser mais uma vez campeão e para que o Dunga, muito valorizado, vá depois treinar a Coréia do Norte, time que orientado por ele e Jorginho poderá ganhar o temível apelido de Ogiva Vermelha.

Na semana passada minha dieta virou e comecei a comer sólidos. Na televisão vieram as oitavas e o mata-mata melhorou o futebol com mastigação das jogadas e necessidade de vencer. Eu, com a barriga cortada, afinando dentro de uma cinta draconiana em torniquete, sigo vendo a insossa copa e torcendo por essa seleção de baixo teor calórico. Que para esse mau vício de torcer ainda não encontrei cirurgia que me dê jeito. E tome Si bemol. Voa canarinho, voa...



Na rua, na Chuva, na floresta

No fim de 2010, atendendo convite do Adolfo Oleari, fui a Linhares dar uma palestra no IFES sobre diferenças de costumes e culturas, tomando como base um documentário que filmei na Amazônia setentrional na região do rio Demini, numa aldeia Yanomami. Já contei essa história, mas das lembranças e aprendizado sempre ficam pedaços que vamos usando e comparando.

E nem é preciso ir tão longe para uma viagem valer a pena. Lá em Linhares conheci pessoas que me enriqueceram a alma e ainda por cima me levaram para almoçar na beira da lagoa Juparanã. Um clichê tão imprescindível quanto casamento em fim de novela. O lugar tão lindo e a grandeza súbita de seu avistamento não me sairão da memória, junto às boas e bem humoradas conversas que me encheram o coração, tornando aquele dia ainda mais memorável.

Linhares é um lugar muito especial e eu sei que preciso dedicar mais tempo para conhecer melhor aquelas lagoas e pastos e gentes. Já até rodei bastante por lá, mas ainda é muito pouco. Lembro de uma chuvarada que peguei indo para Regência, do sabão na estrada e do cheiro da água boa.

E, lembrando de chuva, penso nessas que agora vão desabrigando os capixabas e ensopando, de forma irremediável, geladeiras, colchões, fogões, armários com fotos pregadas, televisões e muitos carnês de prestações apenas iniciadas.

Mas a maior chuva que vi foi lá na aldeia Yanomami, perto do Demini. Em forma de uma enorme rosca, a aldeia tem o centro descoberto e dimensões bem maiores que as de um campo de futebol; seu piso era de terra completamente nua, sem uma planta sequer para compor com a floresta em volta.

Quando o aguaceiro caiu quase não dava para ver o outro lado do círculo. Imediatamente me preocupei com os equipamentos e toda a tralha. Não tinha dúvida de que tudo ia alagar e enlamear. Minha ignorância urbana não alcançava a possibilidade de uma engenharia tão meticulosa e precisa de quem vive num lugar onde chuvas torrenciais são coisas cotidianas. Não pingou uma gota dos telhados de palha trançada e no terreiro nem uma poça se formou.

Quando acabou a chuva e a água escorreu do telhado tudo estava seco ou acabando de correr pela caída bem planejada e direcionada para fora da aldeia indo para dentro de uma área de drenagem que também deu conta do recado. A aldeia fica perto de um igarapé, mas não apinhada em sua margem. Longe um pequenino yanomami, ainda bebê, brincava com um papagaio. As fogueiras ao lado das redes permaneciam acesas, um queixada estava sendo moqueado e os tufos de tabaco, cultivado ali mesmo na mata, eram preparados para serem consumidos. Tudo tranqüilo e sem pressa.

Hoje, lembrando daquela chuva e vendo as pessoas chorando em desespero, olhares desolados, destroços patéticos de casas simples, lama por toda parte, crateras abertas em obras de engenharia humana civilizada; e mais e mais gente chorando. "Deus quer assim". "Deus vai ajudar". Troco de canal, mas não adianta, a vida está sempre lá, imposta nas imagens repetidas, padecendo de nossas ignorâncias e descaso.



Você já foi a Bahia?

Esses dias, tomando uma cerveja com meu amigo Charles Reis, algumas fichas caíram. Caíram e fizeram barulho. Charles, sujeito dos mais perspicazes dos que tenho em conta, esteve recentemente em Salvador e me trouxe de lá umas sacadas que eu ainda não tinha mirado. Ele é de Linhares e, como todo bom linharense, é muito atento ao tamanho e dimensão das coisas. Esteve pelos vários dos ícones baianos, entre eles a Lagoa do Abaeté, Praia de Itapoã, Pelourinho e a Igreja de Nosso Senhor do Bonfim. Caminhou botocudo pelas vielas, resistiu, a bordunadas, ao arrastão dos garcons e seus cúmplices angariadores de incautos fregueses. Turista experiente, vagou nômade, quase mimetizado aos alegres soteropolitanos. Nessas andanças regadas a dendê, percebeu, singelo, algumas importâncias que só agora me parecem óbvias. A cerveja ia descendo cada vez melhor que a boca estava em dia bom para o ato líquido. E Charles contando a viagem. Em sua volta para Vitória, a caminho do aeroporto, entabulou animada conversa com o taxista.

- Gostou aqui de Salvador, meu Rei
- Reis, Charles Reis, Gostei sim
- Visitou aonde?
- Fui na Lagoa do Abaeté...

ronicas_rujas_miolo.indd 89 (03/12/2013 16:42:37

- ...Ah! É o ouro, num é?
- Dos tolos. Eu sou de Linhares, a lagoa do Abaeté pra mim é uma pocinha de nada, lá na minha terra temos mais de sessenta lagoas, todas grandes e bonitas. A vista é de pocá. Coisa exuberante. Mas pouca gente no Brasil conhece.
 - Pegou praia, seu Reis?
 - Passei uma tarde em Itapoã!
 - -Ah!..

- ...Pra nunca mais. Parecia um prato natureba de tanta alga empilhada. Areia quase nenhuma, um tumulto só. E só tinha 51. Nada de cachaça de rolha.
 - Tô vendo aí as fitinhas do senhor do Bonfim.
- Aqui tem a lavagem da escadaria da Igreja do Bonfim, né. Na terra onde eu moro, lá em Vitória, tem escada pra daná. Fui no Bonfim, cheguei lá. Nada. Cinco degraus. Cinco! Lavar cinco degraus, qual que é! Você conhece o Convento da Penha? Queria ver lavar era lá. Sabe, o Espírito Santo tem coisas geniais, praias e montanhas lindas, comida boa, Igreja, lagoa, orquídea, tudo. Mas pouca gente sabe, poucos de fato conhecem. Turista, turista mesmo, só de veraneio e, na verdade, é pouca gente. Já Salvador, qualquer pocinha de água preta vira ponto turístico. Você precisa conhecer os pontões capixabas. A gente tem até caranguejo qui nem aqui.

Crônicas Sujas - Memórias de Névoa

Depois de um silêncio, o carro encostou no desembarque e o impasse turístico se desfez.

- Seu Reis, o senhor conhece Jorge Amado e Dorival
- Caymmi, né?
 - Até a próxima, meu camarada!
 - Axé, meu rei!







O INVENTOR DE CIDADES

No casarão verde de quintal vertiginoso por detrás e, hoje, com pracinha lateral com bancos e mesas sob um generoso e longevo Pé de Fruta-Pão as pessoas vão para ler poesia e prosa de consagrados e nascentes; inéditos e célebres. Cachoeiro de Itapemirim está entranhada daquela casa. Pelas brisas passeadas por entre janelas e portas no vão imenso do pé direito, pelo calor adensado de muitas tardes e noites febris do passado. Na trilha sonora do assoalho de tábuas rangendo a passagem dos anos e o varrer das estações.

Na velha casa, antes habitada pelos Braga, hoje senhoria de livros e vislumbres juvenis de meninos e meninas, atravessando o duro oficio de assumir as rédeas e os cordames das carroças e dos fantoches do futuro. Sonhos e esperanças de significar e transformar o velho mundão, precipitado em seis dias.

Na casa dos Braga, jovens muito jovens e testemunhas de minutagens bem mais extensa se reúnem para ler em voz alta e ouvir, desvelados, na arquitetura das letras, a construção de idéias e recortes reais de impressões nem tão racionais assim.

Lá encontro um amigo que afirma: se me perguntarem sobre as três coisas que menos gosto, elencaria sumário: Acrobacias aéreas. Saraus literários e arroz soltinho.

ronicas_nujas_miolo.indd 93 (03/12/2013: 16:42:37

Mesmo assim lá estava ele, homem de envergadura intelectual e entendimento incontestável das coisas da vida. Entende, por exemplo, que não é preciso gostar de motor para andar e correr de carro.

Encontro também o Diego Scarparo com quem, infelizmente, não pude conversar o que devia, mas cujo encontro me fez lembrar que ele é dos mais geniais entre os melhores artistas desse Brasil.

As pessoas se encontraram no casarão verde, dia 11 de agosto, e não foi a toa. É data de aniversário de Newton Braga, irmão mais velho e mentor do velho Rubem Braga. Naquela noite o recém fundado instituto, que enverga nome de Newton, se reuniu para dar ao escritor e inventor os devidos méritos pelo legado que deixou.

Sim senhor, Newton foi escritor e jornalista de qualidade superlativa, criou a primeira agência de publicidade capixaba, a Galo Publicidade. Foi ele quem arrumou em BH o primeiro emprego de Rubem Braga em um Jornal, cedendo ao caçula sua vaga no Diário da Tarde onde o cronista despontou para o Brasil em carreira tão meteórica quanto sua verve.

Mas, me perguntem; por que ele é Inventor? O que diabos inventou?

Acontece que Newton Braga inventou Cachoeiro de Itapemirim. Sem ele aquele entreposto comercial nascido

no século XIX não teria virado a mística e intrigante cidade que virou. Foi ele quem inventou, escreveu e vigiou de perto a bula e as receitas de uma cidade querida e suave, mística e orgulhosa, embora de índole simples, mais pontuada por sapateiros, quitandeiros e lavadeiras que por poderosos, clérigos e políticos. Praticamente modelou a velha cidade cortada por um rio de pedras e águas mitigadoras da rude paisagem abrupta de morros.

Os epigramas de Newton, às vezes escavados em duas linhas incompletas, são épicos grandiosos, descortinados na imprecisa matemática do tempo. Numa dessas micrônicas ele finaliza repetindo a frase de um anônimo retratado em seu texto: se cachorro soubesse a dentadura que tem, só vivia dando risada.

Cachoeiro tem a obra e a memória de Newton Braga.

Pode sim, também insinuar um longo sorriso. Permanente.



O PAPO É GATO

O samba sacudia a toda. Já havia um tempo as geladas desciam goela abaixo e o feijão tropeiro com generosas porções de carne era tragado sem piedade pela rapaziada que compareceu ao aniversário de 70 anos do sambista Edson Papo Furado. Entre os muitos que lá foram para comemorar junto dele, estava eu, domingo à tarde, cheio de alegría.

Já tinha parabenizado Papo pela maioridade, em minha opinião, só atingida quando se chega aos 70. Alvimar, do lado, falou que Papo já era de maior há muito tempo. Ri da brincadeira e voltei para minha mesa.

Mais tarde, meu amigo Lajota, cantor de primeiras fileiras no front do samba, chega com um copo de boa pinga, o que me inspirou a tomar uma também. Lá fomos, junto com o Alvimar, outro legítimo homem do samba, para a barraca de bebidas quentes. Entre licores de menta, batidas de amendoim, Paratudo, Catuabas e outras coisas que não me atrevo a nominar, tinha uma sublime garrafa de carqueja; escolhi aquela beberagem por precaução. Afinal, para minha salvação, o conteúdo misturava veneno e contraveneno.

Dei uma beiçada na tal e voltei ao assunto da idade do Papo. Lajota contou que o aniversariante havia nascido em Putiri, na Serra, e vindo com uns 10 anos pra Vitória,

onicas_sujas_miolo.indd 97 💮 03/12/2013 16:42:37

ainda sem registro, já que naquele tempo, nos cantões de roça, era comum não se registrar os filhos em cartório. Lajota conta ainda que desde pequeno já via o Papo no samba.

— No meio da década de 80 os sambistas de Vitória foram pela primeira vez ao Rio para gravar. Papo não podia viajar porque nem carteira de identidade tinha. O Dr. Dirceu Cardoso, que era secretário de justiça na época, foi quem arrumou de última hora um atestado de bons antecedentes para ele.

Fomos até o Zé Luiz, que fora presidente da Liga das escolas de samba; o longo charuto na boca, entre uma baforada e outra, confirmou a peripécia. — Papo Furado é gato; e acrescentou que foi necessário montar uma "escoolta" para garantir que o sambista fosse até o ônibus, entrasse e viajasse pro Rio.

 Se n\u00e3o fizesse isso ele podia parar no caminho e esquecer o compromisso.

Perguntado o porquê dele não ter carteira de identidade a resposta foi simples.

Nunca me pediram.

O fato é que com 70 anos ou mais, cada segundo de seu vago relógio foi dedicado ao samba. Vivendo o samba até as últimas conseqüências. Lembro bem do dia em que Henrique Cases esteve lá em casa, sentou com Papo Furado e tocou várias músicas no instrumento do sambista. Cases, um virtuose do cavaquinho, achou as cordas meio duras, mas, acatando um pedido do bamba, tocou e o acompanhou em vários sambas. Ao final, Henrique beijou-lhe a face em sinal de respeito. Logo depois, quase teve um colapso ao ver o Papo Furado dando uma farta golada de pinga a ninguém menos que seu cavaquinho. Naquela tarde todos ficaram sarapapacos (bébados na língua de Vargem Alta), Eu, Papo, Henrique Cases, mais umas vinte pessoas e o cavaco, coitado, que não tinha nada com isso. Quem mandou acompanhar o Edson.



OFÍDIO

Ela era roliça, meio esbranquiçada e estava encaracolada dentro de um vidro de balas que ja havia perdido a tampa. Fechando o vidro, um pires encardido como o vidro de bala. Parecia um bichinho de laboratório conservado em formol, mas o líquido em questão tinha uma química mais simples. Era cachaça dentro do vidro e dentro dela uma jararaca de mais de metro. A cabeça da bicha ainda apresentava as marcas de pauladas desferidas há muito. Os olhos saltados denunciavam a opressão do porrete, bem como algumas escamas arrepiadas.

A cachaça estava turva e alguns ciscos e outros organismos boiavam no caldo grosso.

Aquele tesouro encima do balcão nos atraiu os olhos e as gargantas estalaram.

Jogávamos sinuca na mesa de pano rasgado. Lá atrás, o banheiro era uma velha manilha cortada ao meio, absolutamente fedorento, decadente e a céu aberto. Bem ao lado da porta de entrada da casa do Boto, dono do bar e morador da espelunca; impedida pela saúde pública, condenada ao desabamento.

A velha casa dos anos 30 acabou virando uma lenda nos anos 80. O fabuloso Bar da cobra

onicas_rujas_miolo.indd 101 💮 03/12/2013 16:42:37



Paramos as tacadas vas e nos encaminhamos para o balcão, compramos fichas para a Jukebox, encostada no canto da porta de entrada, cuja carteira de música formava um repertório muito adequado à sofisticação do ambiente. Colocamos a ficha e a música começou — "no hospital, na sala de cirurgia, pela vidraça eu via, você sorrindo a sofrer..."

No embalo de Amado Batista perguntamos ao Boto.

- É Pinga?
- -É
- Você serve?
- Olha a última que servi foi pra dois caras no carnaval e nunca mais vi ou soube deles, não posso garantir nada.
 - Então bota uma pra cada um.

Boto desceu a cobra e a pôs no balcão, retirou o pires imundo de cima e um buquê inconfundível de gaveta velha insinuou o ar. Com um xícara ele colheu três generosas doses que serviu em apropriados copos Nadir Figueiredo. A primeira dose que tomei até hoje é lembrada, não com repugnância, mas compaixão pelo menino que eu era e saudades do estômago que tinha.

Tornou-se habitual ir ao bar da Cobra por três motivos. Diversão, teste e calourada dos alunos de comunicação da ECO.

Por diversão para sorver aquela gloriosa beberagem.

Para testar os eventuais novos amigos que declaravam amor pela boemia, mas não sabiam o quanto levávamos aquilo a sério. Muitos foram reprovados.

E nas calouradas para dar um banho cultural naqueles e principalmente naquelas que adentravam as lides acadêmicas acreditando que o mundo é limpo e cheiroso.

Quando na verdade é preciso muito estômago para encarar esse velho mundão cabeludo e cheio de veias. Muitas foram aprovadas.

Mesmo por apenas terem conseguido tomar uma pequena golada do caldo de cobra velha, naquela birosca fétida, testemunha, mais que decadente, decaída da antiga praça 11.

Mais tarde, ainda nos anos 80, Boto morreu de ferida na perna. Morte honrada, digna e apropriada para aquele legítimo homem da noite, promoter de vastas patifarias acometidas, cometidas e metidas no velho e bom Bar da Cobra.



DONA GRACINHA

Penso em Cora Coralina, penso em Zilda Coelho, Maria Lenk, Maria Éster Bueno, Dona loló, Maria Laurindo Adão, Comadi Linha; penso em minha vó, na beirada do barranco, conversando com o rio, pescando robalo. Fazia hóstias e pasteis. Nos dava gemada, a Dona Lina e, em dias muito especiais, comprava picolés de limão, embora preferissemos creme Holandès. Lembro de sua mão enrugada e meio aleijada por causa do tombo que tomara ao pisar, inda mocinha, numa espinha de bacalhau. Naquele tempo em que se criou e fazia sentido a frase sobre bacalhau bastar.

E vou pensando nas pessoas que são suas próprias vidas e a soma da postura que tomaram diante a história. Sua história. Pessoas que rezam terço e sabem sobre vacas e milho. Pessoas que não rezam, mas espalham deus, seja lá o que isso for. Vão iluminando os caminhos dos outros com suas lamparinas que não se apagam. E penso quantas dessas pessoas jamais conhecerei e, no entanto, me são tão imprescindíveis. Nos são.

Penso naquela cidade onde nasci, Cachoeiro de Itapemirim, e que, como toda boa cidade, traduz o estado a seu jeito, muito peculiar e, sobre tudo, se pensa de forma única, constrói seus códigos, suas tradições. E uma dessas



tradições, das mais fortes, em Cachoeiro, é a unção anual do cachoeirense ausente. Quem inventou a maior parte das tradições modernas cachoeirenses foi o socialista Newton Braga, irmão um ano mais velho que Rubem Braga, poeta, jornalista e cronista que nada deixava a dever ao caçula. Pelo contrário foi por suas mãos que Rubem começou a escrever profissionalmente. Newton completaria 100 anos se ainda estivesse tomando sua cachaça Moça no bar Vitória, mas infelizmente pelos anos 60 ele partiu, deixando um legado pessoal invejável. Já contei alguma coisa por aqui. Pois bem, quando digo que ele inventou boa parte das tradições modernas de Cachoeiro é porque foi ele quem, em 1939, inventou a festa de Cachoeiro, com suas alvoradas, baile de gala e a homenagem ao cachoeirense ausente Nº1.

E pensando naqueles que foram merecedores dessa honraria ao longo desse mais de 70 anos e sabendo agora da aclamação de Dona Gracinha como a próxima homenageada, penso, com um sentimento de certeza de que todos nós somos homenageados na pessoa dessa caçula da família Braga. Quando Newton faria 100, ela, aos 90, representa uma primeira geração de mulheres fortes que criaram seus filhos, no caso dela cinco, trabalhou para fazê-lo e,mais que isso, formá-los na intelectualidade, como ela mesma sempre foi avançada em sua erudição de menina que é até hoje.

Eu também sou caçula e sei como é isso, Dona Gracinha, ou melhor, dona Anna Graça Braga Abreu. Sempre que a vejo e conversamos penso que falo com uma mocinha, quase criança, com todas as delicadezas e luzes tão peculiares às boas pessoas. Nem vou dizer que a homenagem é merecida; é necessária, fundamental. Nesse ano que marca com tanta veemência o avanço das mulheres em seus direitos, necessidades e força, a honra do reconhecimento é nossa. E não apenas de cachoeirenses, mas aqui do povo desse estado todo.

Penso em minha mãe, aos 75, fazendo seus tricôs, crochês e pintando seus quadros em óleo sobre tela e agora escrevendo suas memórias num computador. Dona Gracinha, vai lá em Cachoeiro e mostra para todo mundo com quantos paus se faz uma canoa. Passe as tropas em revista e não deixe o espírito de Newton esmorecer. Ele mora naquele rio, naquelas pedras e pelos mercados. Quando alguém ri.

cronicas_sujas_miolo.indd 107 (03/12/2013 16-42-37.



Pesos, medidas e direções

Eu não vou tomar esse tantão todo não. Mas a ameaçadora colher de sopa com o caldo amarelado de óleo de figado de bacalhau teimava em se aproximar, sustentada pelas mãos de minha mãe, em direção à minha boca. O impasse estava formado, a colher não arredava e eu não abria a boca. Ficou nisso até que uma moça que trabalhava lá em casa deu uma dica que até hoje uso em determinadas ocasiões.

— Toma da uma veizada só. Toma de uma veizada só que o gosto acaba num instantin. Achei razoável e, como não havia outro jeito, engoli a gosma pálida numa golada rápida.

O gosto ciquento de areia azeda que deveria durar apenas um minutinho, até hoje está tatuado, indelével, em minha massa cefálica.

— Moço a gente está indo na pedra da freira, mas não sabe pegar a trilha certa. Ah, a picada lá pra Freira é logo ali, cês chega lá num segundin é só atravessá o pasto e pegá uma estrada logo depois daquele morro lá, aí é só ir direto sem pegá os gaio.

Quando chegá num mata-burro tem outra estradinha virada pra dentro, mas não entra nela não. Continua sem pegá os gaio até o pé da pedra. Lá cês perguntam denovo. É facim, é logo ali.

onicas_sujas_miolo.indd 109 (a) 03/12/2013 16:42:37

Eu já tinha uns dez anos e havia sobrevivido há vários frascos da emulsão de Scotch, mas ainda não tinha tomado conhecimento de todos os pesos e medidas da vida.

Uma carreira de boi bravo e seis horas depois, esbaforido, ao pé da pedra da Freira e, com duas feridas entre as pernas descobri que 'logo ali' é uma medida de caboclo muito fácil de mensurar. Depois de percorrida.

É exatamente a distância suficiente para ninguém se atrever a voltar e pocar os zóio do miserento de catiripapos.

Já adulto, por esses dias, estava organizando uma festa lá em casa e fazendo as contas da cabeçada de convidados. Depois de matutar um pouco, achei que cinco grades seriam suficientes, mas um sobrinho meu alertou.

Esse pessoal bebe muito.

Sacou sua calculadora de engenheiro, teclou pra lá, teclou pra cá, conferiu o preço das cinco grades, fez mais contas e concluiu.

- Tio, é melhor comprar tudo de litrão.

SEGUNDAS

No tempo de faculdade no Rio, durante um breve período, saíamos toda segunda, eu, o nobre Zé José, e um outro amigo, o Dario Renato, um emérito cachaceiro e grande motorista levador de amigos aos botecos e cachaçadas, mesmo que sem nenhuma garantia de ser também um bom trazedor. Muitas e muitas vezes, sumia na poeira da noite e nos deixava vagando pelos ermos orvalhados e vomitados da madrugada carioca, onde nenhum gato é pardo.

Em verdade, essas saídas segundeiras eram expedições em busca dos bares mais casca grossa e freqüentadores de bom estômago e índoles festivas. Quanto menos conhecêssemos os bairros, melhor eram as chances dele ser escolhido para uma visita dessas três almas desfocadas.

A gente entrava nas espeluncas e la direto ao chefe, em geral sujeito sebento e falastrão que bebia junto com a clientela e fedia. Boa gente e cozinheiro de mão cheia. Cheja de cicatrizes e nódoas.

Ao lado de tal figura havia sempre uma estufa onde exibia suas criações infernais, saídas de um fogão apenas menos sujo que as panelas por sobre ele. A cor da utilidade do lar nunca era definida, mas lembro bem o gotejamento do óleo grosso pelas beiradas, o bujão cheio de teias de

conicas_sujas_miolo.indd 111 💮 03/12/2013 16:42:37

aranha e um generoso naco de sabão em barra vedando a válvula do gás.

De todos esses bares, o melhor, em minhas lembranças, foi um da região portuária mais antiga. Para entrar era preciso ultrapassar uma tábua atravessada ao pé da porta. Não entendi aquilo, mas pensei ser por conta de alagamento em caso de grandes chuvas. A tábua, no caso, serviria para impedir a entrada de água e lama.

Pois entramos na birosca e, para nosso encantamento, na estufa ao lado do chefe sebento, boiava, em óleo furtacor, uma fritada amarelo claro com ares de decana entre os acepipes outros. Ah, nunca a escolha foi tão fácil e unânime. Pedimos a fritada e o chefe respondeu ser uma boa escolha, pois era fritada de bacalhau. Quer dizer, não era bacalhau, mas ele havia desenvolvido uma alquimia infalível de merluza com sardinha, contou o ébrio executivo da noite.

 Não dá pra diferenciar, cê come e acha que é bacalhau mermo. Prova aí.

Pois era mesmo uma maravilhosa mistura de seres aquáticos que lembrava perfeitamente o gosto de bacalhau. Vísceras de bacalhau. Vísceras de bacalhau boiando em óleo furta-cor.

Uma mulher de calção de malha e camiseta regata sem sutiã e muxibas fugitivas, com a metade dos dentes banidos da boca caída e os olhos amarelos emoldurados em hematomas, bradava orgulhosa:

Sou feia, mas sou gostosa.

Enfiava a mão entre as pernas e gritava

Se eu fosse homem sabia o que fazer com isso aqui.

Percebendo o ambiente em tormenta e ressaca, resolvemos zarpar antes que desabasse a tempestade. Uma ultima dose de Caninha da Roça e, mesmo muito apressados, perguntei ao chefe o porquê daquela tábua na entrada.

 É porque quando rola o porradeiro aqui, neguinho sai correndo sem pagar a conta. Com a tauba lá, o pessoal estabaca e dá tempo de cobrar.

Pagamos sem esperar troco e singramos porta afora, por sobre a tábua, rumo a outras abordagens em portos menos bélicos.





TAMBOR

A manhã começou plena de heresia. Indo de Vitória para Vargem Alegre, distrito de Cachoeiro, e parar para fazer um lanche, pedi um pastel de carne ao invés do sagrado sanduíche de pernil com molho de manteiga e limão, quebrando a ortodoxia litúrgica daquelas paragens. A não ser pelo fato do bar ostentar paredes e paredes de chaveiros pendurados; indicativo de muito respeito pelas tradições de Iconha.

Subi por Vargem Alta. Lá as pessoas andam com um Prestobarba no bolso para o caso de decidirem comer um torresmo pega-rapaz no bar do Paraíba e terem que aparar o topete do quitute antes da mastigação. Desci para uma falangeta de prosa e perguntei como iam as coisas. Paraíba, velho pensador que é, lembrou de uma conversa com Dedé Caiano: Vargem Alta é igual a qualquer outro lugar, mas o clima compensa. Criaram então esse Slogan para a cidade. "Vargem Alta: O Clima Compensa".

Apressados, descemos a serra em direção a Vargem Alegre para filmar e participar do encontro capixaba de Jongo e Caxambu. A festa foi organizada na roça de dona Canutinha e sua generosa família, Ormir, Luzia, Paulinho, Gildo e mais um mundo de Canutos, sem esquecer seu tio de 108 anos,

portador de um porrete em permanente vigília.

Sabia que lá estariam Maria Laurindo e sua Irmã, Comadre Linha, seu Jorginho de Boa Esperança e o pessoal de Cacimbinha lá de Presidente Kennedy. Mas não sabia que encontraria jongos e caxambus do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas, além dos jongos do norte do estado, lá de Conceição da Barra e São Mateus. Tambores de todas as formas, tamanhos e engenharias; barricas, tocos ocados, de couro pregado, amarrado, costurado. Tambor de todo jeito.

De todo jeito também são as coreografias, os pontos, as vozes e os ritmos. A unidade no diverso está no respeito e orgulho pela tradição e na deferência aos mais antigos. Mais de 20 grupos reunidos na roca de Canuta.

Estavam lá, à frente da organização, órgãos do governo federal, estadual e municipal ligados à cultura e à preservação do patrimônio material e imaterial, além de uma penca de pesquisadores atarefados vindos de vários outros estados. O que vi e respirei nesse fim de semana passado foi o tipo de coisa que nos faz pressentir a certeza de presenciar momento histórico, daqueles que formam divisores; antes e depois de.

Feliz igual a pinto ciscando em lixo de rico, me senti menino em loja de brinquedo perto do natal, ouvindo o pai dizer: pode escolher, meu filho. Ou como quando, após uma vitoriosa tarrafada, os trinta palmos de malha

116

totalmente abertos, ao puxar a corda, sentir a vibração escandalosa dos peixes.

Todos estavam assim de boca larga e sorriso fácil. Noite chegou e fogueira acendeu. O couro dos tambores, esticados no calor das labaredas, começaram a falar. Jongueiros de todo lado, puxavam pontos, um após outro, sem parar. A festa avançava e um cheiro de tempero refogado denunciou a feijoada nos fogões. Não tendo mais nenhuma alternativa, segui o imperativo da cena e abri uma boa cachaça de rolha. Tenho que lembrar de levar copo apropriado. Os de plásticos desnorteiam o prazer. Conde bebeu, Ana fez pequena prova, Bloise ainda é filhote e recusou.

Uma moça de São Mateus disse que não misturava, principalmente em noite vestida de saia.

ronicas_sujas_miolo.indd 117 (03/12/2013 16-42-38





O BOTE I

A gente saía para se divertir naquela Brasília bege, cuja compra pela família alegrou por demais a prole de pedestres gerada por meus pais. Não foi o primeiro carro. Antes tivemos dois impávidos fuscas: o velho e bom 4413 amarelo safári e o alvo 0214, ambos valentes coletivos famíliares capazes de levar consigo cinco pessoas e ainda toda uma enorme e variada tralha de pescaria que incluía barraca, varas de bambu, comida, muita isca, gelo, cerveja, bloqueador solar nem pensar — que nos anos 70 a gente usava era bronzeador, muitas vezes com fórmulas caseiras inconfessáveis —, faca, facão, canivete e, lógico, limão, cachaça e cerveja. Eram pescarias de arremesso e o lugar predileto escolhido pelo velho Otto era a praia das Pitas, lá pros lados de Marataízes. Mas o caminho que fazíamos não passava pela cidade, mas por trilhas de canaviais e outras estradas de chão, não raro enlameadas e quase intransponíveis.

Quando compramos a Brasília bege, aumentou-se a quantidade de cerveja, comida, cadeiras e, às vezes, gente. O ar condicionado era o saudoso quebra-vento. Mas nem é essa história que quero contar; o que vou confessar hoje aqui envolve um certo bote. Não bote de cobra, mas bote barco ou batelão e ainda outros nomes das pequenas embarcações conduzidas e impulsionadas por remo.

onicas_sujas_miolo.indd 119 🚯 03/12/2013 16:42:3

Nas férias, enchíamos a Brasília de amigos e rodávamos por Cachoeiro e seus imensos arredores, seja para os lados de Castelo ou para os lados do Itabira, onde um certo mangueiral abrigava festas que nunca poderei contar aqui porque, quando a rota da turma apontava praquelas bandas, a amnésia fazia parte do pacto. Tanto pelas quantidades ingeridas, quanto pelas companhias muitas vezes não oficiais que carreávamos. E ainda outras experiências pouco ortodoxas que nosso indomável apetite de viver nos permitia e, de certa forma, impunha. Voltando ao bote; tudo aconteceu numa das férias de inverno em que nos dedicávamos, com afinco, às mais importantes atribuições da juventude: namorar, rir e fazer merda.

Há uma rua chamada Brahim Seder lá em Cachoeiro e nessa rua, durante aquele mês inteiro, um bote de madeira muito bem construído e novo provocou nossos olhares de quase meninos, inteiramente educados pela sabedoria dos rios, locas, carás eruditas ,lagostas pós- graduadas, camarões sapateiros — como fora também meu avô Orlando —, remansos e pequenas corredeiras.

O fato é que o bote estava ancorado sobre um monte de entulhos em frente ao Banestes e, para quem não sabe, o rio fica um tanto longe do lugar. Não dava para entender como tão nobre meio de transporte estava ali, aparentemente desprezado entre tábuas e restos de construção. Resolvemos então dar um destino mais pomposo ao barco. Abrimos a tampa traseira da Brasília e enfiamos o encouraçado Potemkin até onde coube. Isso significa que ¾ ficaram para fora, o que nos obrigou a deixar que rasgasse apenas um pedacinho do banco, mas, seguro por nosso peso e esforço, turbinado por garrafas de Benfica e Floresta há muito acomodadas por rins, figados e por toda a extensão de nossas artérias e veias. Levamos, de madrugadinha, o Bote para casa e, não tendo como guardá-lo, deixamos o butim na rua em frente. Bem no início do barranco que antes nos levava até onde outro bote — este sim honestamente nosso e fabricado pelo grande Milton Sampaio — ficava preso por correntes e cadeados à espera de mãos habilidosas que o levassem para pescar. Esse tal não estava mais lá, levado que fora por uma enchente média já fazia um ano.



O BOTE II

Depois do roubo e deixar o flutuante à beira do barranco, subimos a escada de minha casa às gargalhadas e, como sempre fazíamos, fomos até a cozinha preparar um bom mexido de ovos, arroz, feijão, lingüiça, tomates e cebola. Se eu fizer isso hoje terei pesadelos a noite inteira, correndo o risco de ver em meus delírios o lendário Zé José vestido de Robin, gritando bébado na janela: Morcego desgraçado, onde estão minhas pantufas! Para não ter essa visão do inferno, eu não como nada antes de dormir; a não ser o que já houver sido ingerido durante a pegada noturna, antes de chegar ao aconchego do lar.

Depois de comido o manjar heterodoxo, fomos finalmente dormir com o céu já rosa e as casas começando a expulsar seus moradores rumo aos malditos empregos matinais. Já na hora do almoço, acordamos e o bote ainda não tinha voltado às nossas lembranças, mas meu pai chegou do escritório e ele mesmo foi o arauto de nossa cachorrada, coitado, ainda sem saber da autoria.

Algum maluco deixou um bote ali no barranco do rio.
 É um bote novinho e dos bons, madeira bem vergada, fundo de garapa, três bancos. Só pode ser doido.

Algum desgraçado, e esse mundo está cheio dessa gente

ronicas_nujas_miolo.indd 123 💮 03/12/2013 16:42:38

que não respeita as coisas dos outros, vai passar a mão no bote e o dono nunca mais vai ver. A gente tem que fazer alguma coisa, que de hoje não passa aquele bote por lá.

Com um nó do tamanho do mundo entalado na garganta seca de ressaca, não tive alternativa e contei pro velho Otto que o bote era fruto de nossa aventura noturna, mas que ele ficou meses no barranco em frente ao Banestes sem ninguém roubar e que o dono, dessa forma, demonstrou que não lhe dava a menor importância. Papai ficou furioso e mandou que devolvêssemos o barco ainda naquela noite e que déssemos um jeito de o mesmo não ser roubado até lá. Disse que o bote era novo e estava no barranco para justamente ninguém roubar, mas que perto do rio é muito fácil. Pior, disse que nem bêbado podemos esquecer quem somos e o mal que podemos fazer aos outros sem pensar. Tentamos protestar, mas o velho contador que nunca foi pai brabo e mandão, pelo contrário, sempre fora parceiro e complacente, bateu a mão na mesa: — hoje à noite é pra devolver o bote e não vou cobrar, nem perguntar mais sobre o assunto, que essa vergonha não quero lembrar.

Mas nós lembramos. Quando papai trabalhava na fábrica de cimento e pelo Natal nos levava para a festa dos familiares da empresa, onde a gente ganhava uma sacola de presente e um número para sorteio de brinquedos mais caros. Ocorre que, numa dessas vezes, um amigo de pai foi embora

124

antes do sorteio e jogou seu número no chão. Meu irmão Otto pegou o número e justamente foi sorteado em um brinquedo que não lembro bem o nome, mas acho que era Cai-Cai. Pegamos o brinquedo, felizes da vida, mas quando contamos que o número do sorteio era o de seu amigo ele foi calmo e duro ao mesmo tempo: hoje é sexta feira, abram o brinquedo com cuidado, sem rasgar, brinquem no fim de semana que segunda-feira de manhã eu vou entregar ao verdadeiro dono. Naquela noite o bote voltou ao barranco e no dia seguinte não estava mais lá. O dono percebeu que o lugar não era mais seguro. Nunca mais falamos no assunto com seu Otto.





NA FEIRA

É três reais a bandeja; duas bandeja sai por cinco. E aproveita que é só agora. Depois que acabar, não vendo mais.

 A sinhora vai querer o carreto? Se quiser eu levo a bolsa pra sinhora, o gordão tá cansado.

E eu, na qualidade de gordão cansado, segundo o menino da feira, afirmei rápido que ainda aguentava levar uma melancia na sacola de pano, se fosse o caso. Acharam que o menino fora deseducado comigo, mas eu ri por sua inocência e crueldade naturais.

Joelhos e pés pendurados por barbantes chamaram minha atenção, na manhã de domingo, feira de Taboazeiro adentro. Havia ainda orelhas, papadas e nariz de porco devidamente defumados, certamente não num quarto defumador, mas no fumeiro de um fogão a lenha sempre aceso, ardendo dia e noite na velha cozinha de assoalho ligeiramente arriado. Perto da escada há uma greta entre as tábuas largas por onde se pode ver as galinhas embaixo da casa, ciscando insetos e bicando minhocas.

Arrematei boa quantidade de joelhos de porco defumados para fazer amanhã no aniversário de um amigo querido, merecedor desse e de mais outros agrados etílicogastronômicos.



Perto da barraca dos suínos maravilha, os badejos, vermelhos, namorados e corvinas fitavam a cena refletida em seus famosos olhos de peixe morto. A leve maresia do entorno denunciava o frescor daquelas pré-moquecas em vigília dominical.

Penha, lógico, já havia comprado as flores que sempre leva consigo da feira e entroniza pelas mesas da casa em jarros que teimam em quebrar sem deixar vestígios ou relatos.

Mais adiante, as galinhas limpas fulguravam sua pele amarelo palha na sacola transparente, pontuadas por oveiras vívidas de um amarelo quase cor-de-abóbora.

Distraído pela feira, por entre ameixas, mamões, mangas, pasteis e tábuas de carne. Limões, tomates, salsinha. Hortelãs, batatas e garrafas de mel. Sem aviso prévio, me deparo com uma espantosa picanha de sol. A peça toda talhada em cortes longitudinais para facilitar a penetração do sal, reluzia sua capa de gordura me encarando o centro dos olhos, penetrando a alma carnívora. Ladeada pela corte de maminhas, chãs e contra-filés, a rainha picanha me estendeu sua benção e condecorou-me nobre cavaleiro defensor dos valores protéicos e sabores da carnaria salgada. Confesso que trabalhei duro a vida toda para merecer tal condecoração.

Já indo para casa, não sem antes cumprir a promessa e arrematar meia melancia para fazer companhia aos joelhos e ameixas, ainda paramos no vendedor de árvores e apreçamos o pé de jabuticaba já dando frutas. No quintal lá de casa os ipês, o pé de lichia, romãs e acerolas ganharão nova companhia junto ao canteiro de onze horas, beijos, hortelās e manjericão.

O novo habitante arbóreo chegará meio tímido no início, mas logo contará histórias das terras onde nasceu e dos casos nos tempos da feira. Histórias da barraca ao lado, sempre abarrotada de DVDs e quinquilharias eletrônicas tão menos amigáveis e excitantes que o colorido sintomático de carnes, peixes, frutas e hortaliças, denunciando a vida na feira de Taboazeiro e de tantas outras feiras através da longa História do mundo.



COMO ASSIM

Sim, comer é uma arte! Mas qual arte? Lembro bem da expressão "menino arteiro" para apontar crianças brincalhonas e bagunceiras. Pois penso que é dessa arte que a comida deva se construir; e aí prefiro dizer: sim, comer é uma brincadeira!

A comida pode ser um jogo planejado que começa numa feira colorida e perfumada onde senhoras enérgicas e homens litúrgicos, além de outros incautos, brandem o frenesi de alfaces americanas e contestam o frescor de tomates e peixes; escarafunchando suas guelras, afirmando tonalidades inconfiáveis do vermelho profundo sob o prata absoluto.

E pode ser também uma diversão fugaz de quem chega em casa às três da matina e resolve que arroz gelado com maionese de saquinho e alcaparras dará um glorioso pasto, principalmente se harmonizado com leite e groselha devidamente misturados em vigorosos giros de uma colher de sopa.

Tanto no RPG da grande cozinha, quanto no parkour das madrugadas famélicas, comer é pura diversão. Até mesmo na bóia levada pelos trabalhadores da construção civil em latas retangulares pareadas com colheres pesadas de cavidades fundas. Muitos apelidos e personalidades foram adivinhados através da observação dos conteúdos dessas marmitas geométricas; e, muitas vezes, a qualidade dos casamentos alheios analisada.

onicas_sujas_miolo.indd 131 💮 03/12/2013 16:42:38

Como é bom limpar e cortar um filé, suavemente, com facas preconcebidas e de origem registrada. Retirar do cilindro vermelho as películas indesejadas e os nervos renitentes para depois fatiar rodelas irretocáveis dessa carne macia e acomodálas em tigelas previamente alagadas de bom vinho.

Como é glorioso trazer da quitanda uns maços de cebolinha e salsa, pimentões verdes e vermelhos, alguma cebola e pimenta malagueta, após ter passado num abatedouro de aves e adquirir, fresquinhos, figado, moela e oveiras de boas galinhas.

Picar os temperos na velha tábua de madeira cuja convexidade ao meio denuncia seu tempo de uso e serviços prestados. Machucar levemente os dentes de alho para melhor despir-lhes o véu carmim arroxeado. Depois, com um pouco de sal para alargar o atrito, socá-los num pilão de madeira, não menos idoso que a tábua, até que transmutem sua personalidade inteira numa pasta perfumada e transformadora.

Ah, comer as moelas e os figados e pescar no caldo encorpado as oveiras. Como isso é bom! Mas não sem antes harmonizar o prato com uma dose idônea e rica de cachaça. Garapa de cana suculenta e bem nutrida pacientemente fermentada ao tempo certo. Destilada em alambiques de ligas de cobre muito bem tratados sobre o fogo homogêneo extraído dos próprios bagaços secos dentro da fornalha. Cana que fora

cortada sem fogo e transpassada nas moendas, estalando feito porta velha. O buquê da cachaça há que lembrar esse alambique em pleno trabalho; o cheiro da cana viva e o resfriar bruto das narinas pelo evaporar dos alcoóis. Um garnisé cantando perto, lingüiça fritando na banha de porco, imperiosa entre as panelas de ferro arrumadas no fogão-a-lenha da casa ao lado. Um gavião piando no céu e galinhas paralisando na tarde quieta.

Uma boa cachaça traz isso e deve ser bebida pura, se possível imaculada; sem a influência de madeiras que trazem consigo outras histórias para além da cana. Nada contra, mas a cachaça branca harmoniza melhor com pratos de origem simples. Eu poderia aqui até recomendar o figado de galinha de um botequim em Marechal Floriano e a pinga certa a pedir, mas hoje não escrevo para isso.

Escrevo para espalhar que a brincadeira de comer é boa idéia para jogos de tabuleiro onde só dois brincam; é bom passa-tempo a ser cometido em solidão; e é esporte coletivo de grandes alegrias. Creio fervoroso que deve ser apreciada sem culpa ou moderação desnecessária. Mesmo no jogo bruto da complexa sobrevivência.



LAMBARIS E PIABAS

Aquele homem sabe muito mais que eu. Ele escreveu diariamente por 60 anos. Ensinou belezas que só olhos quietos podem ver e corações pacificados sentir. Num mundo de angustias e melancolias, caminhou na velocidade dos córregos, por várzeas apinhadas de coleiros e tizis; vez por outra chacoalhadas por casais de lontras ou solitários frangos d'água.

Aquele homem sabe muito mais que eu. As mulheres habitam as páginas de sua dedicação diária, resvalando por entre as poucas vírgulas e quase nenhum advérbio de seus pensamentos em voz alta. Adjetivos nenhum. Substantivos sim. Esses se aninham no colo morno de seus poucos parágrafos e ronronam sutis, buscando a mão do dono.

Ah, ele sabe muito mais que eu. Os meninos que brincam flutuando no branco de suas linhas imaginárias sabem remar, jogar bola e brincar nas areias do mar, olhar o mar, corações velozes, olhos espalhados, respiração desabrida, paralisados, diante do mar.

Esse Rubem é mesmo porreta! Sabia beber o indispensável e dizer apenas o necessário. Publicou seus livros, editou os de outros, sempre ensinando um pouco de Brasil aos brasileiros. Das borboletas cariocas aos sabiás

paulistas, piabas capixabas e moçoilas italianas, feito decalques tatuados nas tampas de velhos baús e malas de couro duro, eu o vi subir os rios e fluir pelas campinas e banhados brancos de serração.

Mas sabe muito mais que eu esse Rubem! Soube o mais difícil entre tudo: soube morrer como se deve, na hora escolhida, talvez.

Danado esse Braga! Soube deixar gente como Álvaro e Afonso, motivar Marco Antônio, que escreveu parte importante da história brasileira contando a vida de Rubem num livro fundamental e merecedor do primeiro Jabuti póstumo da história. Marco não viveu para ver seu livro viver, mas viveu para motivar outros como a Ana Karla Dubiela, de livros já publicados sobre o velho e, daqui em breve, sobre o novo Braga, que o seu próximo livro aborda recortes de um Rubem em formação.

Esse homem sabe muito mais que eu. Merece que eu diga claramente que aqui não estaria escrevendo não fora nascido lá em Cachoeiro, numa casa perto da linha do trem por onde vinha, ladeando os trilhos, seu Gumercindo para capinar o quintal e preparar os canteiros de alface e couve. E contar suas histórias de um tempo mais velho que os morros e as pedras dos paralelepípedos; Gumercindo sentava no chão e comia, com a faca, o prato fundo, generoso em arroz, fejião,

carne gorda, angu e couve batidinha. Comia e contava suas aventuras. Eu ouvia tudo muito atento, sentado lá na mesa da casa velha. Na mesma mesa onde, num dia de limpeza, emergiu de uma caixa um livro com dedicatória. Li sobre as cidades e as roças, sobre Lorde Sapo, Sir Orlando sapateiro e outros membros da nobreza que só Rubem sabia nomear. Ali fui fisgado no anzol mosquitinho, próprio para lambaris e outros peixes miúdos como eu.





Solenes e Lunáticos

Não beba demais. Come só um pouquinho, meu bem. Você está trabalhando muito. Você não acha que dorme além do necessário? E ainda o clássico "água demais mata a planta". Em passo de ganso por aí vão as intermináveis manifestações contra o excesso.

A ditadura do equilíbrio, numa vã tentativa de acertar, tenta eliminar os erros para chegar à perfeição. De um lado os solenes, do outro os lunáticos. No meio, instalados sobre o fiel da balança, no conforto das condições básicas de pressão e temperatura, os equilibrados.

Estes, entre a certeza e a intuição, preferem a ponderação, no doce vão entre a verdade e a mentira, erguem o discurso; entre o medo e a descoberta, cravam, precisos, a média racional da conservação. Através dessa aparente sabedoria Yin-yang; nem tanto ao mar, nem tanto à terra, os equilibrados em geral empunham a direção do mundo e o levam a 80Km/h. E, quando param para almoçar, pedem bife ao ponto e suco com adoçante.

De minha parte, não julgo os equilibrados nem melhores, nem piores. Simplesmente não julgo, não tenho que julgar. Mas também não aceito a imposição de que estejam certos os que condenam as extremidades. Minha picanha é

03/12/2013 16:42:38

mal passada, a cerveja é muita, torresmo para além da prova e a conversa interminável. Sedentário completo, me sinto uma alface que respira e fala.

Bem... talvez uma jaca seja uma comparação mais apropriada que a pobrezinha da alface.

Gasto mais do que ganho, fico acordado madrugada adentro, escrevo mais linhas que meu editor gostaria. Torço pelo Flamengo desesperadamente e lamento que Dunga, já que de lunático não tem nada, seja equilibrado; melhor se ele fosse solene e assim, defendendo seu patriotismo falseado, teria convocado só jogadores que atuam no Brasil E eu nem defendo isso. Aliás, disse outro dia por aí e repito agui que o Dunga, inspirado em sua mãe, convocou a seleção como um professor de Moral e Cívica: patriótico, dogmático e anacrônico. E o pior é que poderá perfeitamente ser campeão da Copa. Eu, de minha parte, prefiro o terceiro lugar na Copa de 74 guando perdemos para Holanda de Johan Cruyff num jogo sensacional, ou mesmo a desclassificação de 82, quando fomos traídos não por um futebol solene ou equilibrado, mas pelo lunático Paolo Rossi que decidiu, a partir daquele jogo, ser um craque que não era. Mas foi.

Pois é. Mas meus dias de picanhista, paneladas e barris estão contados. Vou fazer a cirurgia bariátrica por insistência de meus joelhos e calcanhares entre outros apelos que não

140

convém dizer aqui. Vejo essa minha decisão como uma curva larga na vida. Até agora vou zunindo em vertiginosa reta toda cheia de lombadas e panelas. E, por favor, não confundam com paneladas de lombo. Apesar de bem vindas também.

Engana-se quem pensar em me ver solene ou equilibrado após a cirurgia; engana-se também quem apostar que serei relapso quanto aos cuidados e às novas formas de absorver às quais terei que me adaptar. Vou fazer tudo direitinho sim senhor, mas não será por medo, nem disciplina. Há sempre mais caminhos e sou vidrado em desbravar e conhecer novos recortes no horizonte. Agora mesmo estou escrevendo a biografia do fantástico Vicente Silveira, deputado estadual, da UDN e depois da Arena, que trouxe, dos anos 50 aos anos 80, para o estado capixaba, a inteligência e perspicácia do interior. Mais precisamente de Iúna. Um homem singular que, mesmo sendo situação, fez oposição como poucos; que nunca se rendeu a arranjos fáceis de maioria, nem se acomodou nas facilidades do poder. Nem solene, nem equilibrado, nem lunático. Vicente Silveira é um homem transversal. Nunca ao sabor de brisas ou vendavais, mas protagonista de sua história. O cupim de aço, como era chamado o grupo que liderou na Assembléia, faz falta nesse mundo capixaba aparentemente equilibrado.



PORVIR

A vitrine da estufa olhava fixamente dentro de meus olhos e por trás de suas retas retinas vítreas, banhados em banha, pedaços de porco seduziam. Perguntei se era barriguinha, mas Joel disse que era papada. Ó Joel, então bota aí pra gente provar e abre a meiota de Engenho do Vovô. Assim começa meu carnaval em Mundo Novo, distrito de Dores do Rio Preto, lá na Serra do Caparaó.

Mas não ficamos na cidade, ficamos numa casinha cravada na serra, mais acima. Um terreiro de café diante a casa era nosso planetário. Não havia luz perto da casa, apenas capoeirão e uma mata cheia de Canelas, Embaúbas prateadas e Quaresmeiras. Nessa época do ano, seria comum chover a não mais poder, mas a seca e o céu limpo tornava as estrelas tão vivas e palpáveis quanto os vaga-lumes que por lá também ocupavam sua parte no firmamento.

De noite, o frio descia pela serra em três estágios, parecia alguém virando o botão do ar condicionado. O primeiro esfriamento chegava às dez da noite, e lá pelas duas da madrugada chegava no talo. Cobertas e edredons passadistas eram puxados em pleno verão de fevereiro. Depois do último acorde do violão e as considerações finais de uma conversa bêbada, desabados pelas camas, era hora

onicas_sujas_miolo.indd 143 (a) 03/12/2013 16:42:38



1 4 3

de ouvir um silêncio de grilos, corujas e uma cachoeira longe alisando velhas pedras e lajedos.

Num dia de passeio nos perdemos pelas estradas de chão e morros de café. E como se perder por aquelas bandas é bom. Comemos trutas com amêndoas, galinha caipira, carne de porco na lata e iogurte de coco. Compramos trinta litros de boa cachaça e apenas 26 voltaram comigo, o resto ficou por lá tocando violão e olhando pro céu.

Engraçado que lugares assim em geral nos arremessam na contra-mão do tempo e, nesse caminho de volta, nos sentimos acolhidos e embalados pelos colos mornos das avós que já se foram, o cheiro matinal do café e uma esperança no futuro que só crianças dominam. Pois naquela casinha coberta de constelações não embarquei saudade, nem olhei para trás. Lá, com minha querida Penha, e alguns amigos de boa cepa, fogão a lenha aceso, no frio daquelas noites tranquilas, eu olhei adiante e vislumbrei ansioso minha velhice. Daquela janela tão passadista não me vi de calção brincando pelos quintais, nem subindo o velho pé de marmelo. Lá nas grimpas do Caparaó me vi furtar o tempo e colher dele exatamente o que plantei: um punhado de dúvidas e algumas certezas sem a menor importância.

Acho que estou pronto para o que vem por aí.

1 4 4

NEGÓCIO DIFÍCIL

 Enjeitei 20 mil reais nessa mula. Dinheiro é fácil de ganhar, mas essa mula ninguém tem. É minha e não vendo por dinheiro nenhum.

O sujeito sem camisa, de calça jeans, falava para a cidade de Guaçui inteira ouvir. Numa das mãos brandia um churrasquinho de gato devidamente empanado por espessa camada de farinha, malhada por manchas marrons de molho inglês. Os olhos esbugalhados e a euforia denunciavam que o churrasquinho, de fato, cumpria o nobre papel de tira-gosto.

 Esse mulão aqui é muito chique. Tem 20 anos que eu estou atrás de um animal bonito e bom de cela igual esse.

A mula empinava, girava e sapateava com as duas patas dianteiras na calçada. Os dois; mula e muleiro, envergavam, vaidosos, o estandarte do orgulho. O animal castanho brilhava o sol do crepúsculo e seus olhos muito grandes e negros mal piscavam.

Eu, Léo e Johnson estávamos dentro da lanchonete comendo fartos sanduíches, merecidos após dia longo de trabalho ensinando os rudimentos do cinema para uma interessada turma de meninos e meninas do ensino fundamental. À nossa frente o sujeito na mula continuava seus elogios ao bicho. Nós estávamos muito interessados na cena desenvolvida no quadro



1 4 5

da tarde esfriando. Até que Johnson, puxou para fora do casaco sua vasta cabeleira rasta com cachos de mais de metro.

— Não vendo por nada, qualquer um pode ter dinheiro, mas essa mula só eu tenho. Não vendo, não troco... aí olhou pro Johnson e disparou: — Eu troco no cabelo daquele ali. Se ele topar eu corto a mula no cabelão.

"Cortar", nos entenderes sul capixabas quer dizer trocar, fazer negócio. Não se preocupem com a integridade do fabuloso muer

- E aí? A mula pelo cabelão?

Johnson hesitava, segurava os dreads, balançava as madeixas, ameaçava levantar e o sujeito insistia em cortar a mula nos cabelos de nosso amigo.

Johnson acabou topando a parada; mais por insistência nossa que cobiçando a mula.

- Eu topo, mas duvido que você troque mesmo essa mula.
- Se eu trocar, você não corta o cabelo que eu sei. Deve ter levado uns 15 anos pra ficar assim. Ah você não corta, não. E nesse caso, o cortar dito por ele é de cortar mesmo.
 - Fico sem o cabelo, mas fico com a mula.

1 4 6

— E você vai fazer o que com o animal? Tem que gostar, montar nele, passear. Ela nunca ouviu um reggae na vida. Você vai voltar pra Vitória sem a cabelada e puxando a mula pelo cabresto? É ruim, hein! Os dois argumentavam os porquês do outro para a não efetivação do difícil negócio. Não elogiavam cada um seu produto; duvidavam, sim, que o outro fosse até o fim.

- É, mas meu cabelo cresce de novo. E sua mula? Ela não é única?
- Rapaz, eu arrumo uns trezentos contos, em Belo Horizonte, no seu cabelo. Eu sei onde essa mula foi tirada.
 Vou lá, encomendo outra por cem reais, e ainda ganho duzentas pratas.
 - Mas, você enjeitou 20 mil na mula.
- É diferente, dinheiro é fácil de arrumar. Eu vou embora que já vi que você não vai cortar o cabelo comigo.

Passou um tempinho e o muleiro voltou de passagem, numa marcha siderada asfalto afora.

- É ruim de você cortar esse cabelo. E sumiu zunindo o toc, toc das ferraduras no chão preto.
 - Qual que é! Duvido que ele troque aquela mula.



A VIRADA

É melhor checar de novo para ver se está tudo no carro. Duas caixas de cerveja, copos, uma grosa de cigarros, garrafão de boa pinga — na época eu bebia AS, Alegria do Sertão — e um imprescindível panelão de farofa de linguiça e pão. Isso mesmo, farofa de pão. É só picar o pão francês e fritá-lo na gordura de bacon que o pão fica parecendo torresmo.

O caminhão para levar os homens encostou e o velho fusca verde detonado, estufado de víveres fundamentais, partiu. Para quem vai virar o 31 de dezembro atrás de uma folia de Reis tem que tomar as devidas precauções. Paramos e compramos um garrafão de vinho tinto suave, da famosa marca Boca Roxa ou Sangue dibuá. Fomos eu, Penha, Graciene e Ronaldo Barbosa, amigo dos bons, lá de Cachoeiro, um verdadeiro mago na cozinha pesada; homem capaz de fazer um beiço de boi como ninguém, fora a rabada com couro que me deve até hoje.

O destino era São Vicente, distrito de Cachoeiro, habitado em sua maioria por descendentes de Rômulo e Remo. Não obstante, é também em São Vicente que fica a Tapera, ou Vargem Alegre, território de Dona Canutinha, de seus irmãos e toda a família Canuto, quilombolas caxambuzeiros. O sítio de Canutinha seria a derradeira residência da peregrinação da

onicas_sujas_miolo.indd 149 (a) 03/12/2013 16:42:38



folia Estrela do Mar naquele réveillon de 1999. Antes, visitaria umas seis casas italianas, depois de primeiro cantar na igreja de onde sairiam andando de ré para não dar as costas aos santos. Os três palhaços, sem poderem entrar no templo, baliam gritos tristes ora em genuflexão, ora, ameaçadores vigilantes, brandindo seus porretes certeiros.

Dali descemos em direção à primeira casa e tudo ia dando certo até que recebemos bilhete de uma certa casa de seu fulano de tal, pedindo a visita da folia. Os foliões ficaram felizes até que souberam se tratar de uma roça uns oito quilômetros dali. Compromisso é compromisso, e para lá marchou a folia, orbitada por quatro comedores de farofa, tocando pelas estradas de chão, o velho Volkswagen verde bandeira.

Um palhaço ia à frente, outro atrás e um terceiro ladeava a fila indiana pelos dois flancos. Quando acabou a estrada nos vimos diante a escuridão de um grande pasto com bambuzais e muitos outros vultos de árvores não identificadas. Seu João apitou e falou pra Mazinho tocar forte o bumbo que, dessa forma, junto ao reforço dos palhaços, todos estariam protegidos das almas desviadas que costumam seguir, de longe, as folias. Todos estavam confiantes e cheios de bravata até que a coragem se espalhou pasto afora depois que um burro zurrou e assobiou bem do nosso lado. Parecia coisa doutro mundo. E era.

Bem mais adiante, a folia se recompôs e, dessa vez mais cautelosa, seguiu sua marcha rumo à tal casa de seu fulano. Já tínhamos feito umas quatro casas e ninguém aguentava mais comer bolo, tomar refresco de maracujá, café com leite e comer roscas. Lógico, depois que a folia cumpria sua função nas casas, uma discreta fila se formava na porta do fusca para uma colher de farofa e uma golada no vinho. Seu João havia ordenado: nada de pinga para os seus. Nessa casa tinha um pomar que fora saqueado, tendo sido um pé de laranja lima francamente privilegiado pela preferência geral. Nossa, tá tão ducinha!

Partimos para a casa de Canutinha. Por volta das cinco e meia da matina, chegamos, e, lógico, todos estavam dormindo. Quando Canuta viu a folia chegar pediu para esperarmos, pois só abriria a porta depois que tivesse feito uma janta (?) para todos. Pois as Canuta foram pro fogão fritar quibes e fazer arroz e outras coisas. Nós descansamos, a folia cantou as profecias, os palhaços brincaram recitando as décimas. Lá pelas nove a comitiva do fusca cansou e foi embora. A folia ficou até as quatro da tarde, que muitas casas pediram sua presença e anunciação. Não me lembro de virada mais feliz. E a farofa deu pra noite toda.



O FUTURO BATIA PONTO NO GAROTA DE BOM SUCESSO

No Garota de Bonsucesso, nossa preferência era o bolinho de carne com muita pimenta e o chope tirado pelo Bigode. Ficávamos ali por 12, 14 horas seguidas antes de ir pra farra de verdade. Às vezes, uma ou outra mulher acompanhava, mas, em geral, era coisa de homem. Também éramos adeptos de, uma vez por mês, tomar uns uísques de marcas menores e de procedência honestamente falsa. Nosso querido amigo, quase um sócio, Antônio, garçon de larga experiência e hoje dono de negócio próprio, dizem, muito exitoso, servía a beberagem em copo longo e completo.

Era muito bom ir lá aos sábados e domingos lá pelas nove da manhã. Nove e quinze exatamente sabíamos que nosso futuro atravessaria a rua em direção ao Garota de Bonsucesso. Jamais falhou. Dava o horário e aparecia na esquina um nonagenário de bermudas e chinelões, desenvolvendo um andar de gueixa velha em slow motion. Primeiro, um pé se adiantava uns cinco centímetros do outro para depois este igualar a dianteira e, assim, caminhar a uns 200 metros por hora, tempo que levava de seu velho apartamento até o bar. Quando chegava ao meio fio para atravessar a rua, os garçons montavamum grande esquema de logística para o velho futuro

atravessar o célebre cruzamento da Bruxelas com a Londres. Dois deles paravam o trânsito intenso e outro o acompanhava quase de braços dados. Um quarto garçon esperava dentro do Garota, junto ao chopeiro Bigode, os intermináveis 10 minutos que levava toda a operação.

Quando, finalmente, debaixo de muita torcida e admiração ele colocava o pé guardado por meia grossa, dentro do estabelecimento, Bigode tirava, fresquinho, um chope de precisa pressão e colarinho meticuloso, enquanto o garçom preenchia um longo e cristalino copo de vodka, quatro pedras de gelo e duas rodelas de limão. O noventão bebia de duas a três rodadas dessa dupla etílica, sem dar uma palavra, pagava, e retomava a sua épica diáspora libatória de volta ao sono, mantas e cobertas.

No bar, a atmosfera de reverência e admiração adensava a bebericação enquanto o rosto dos garçons estampava a serenidade dos bons cumpridores do dever.

Lembrando hoje desse futuro vislumbrado nos anos 80, lá em Bonsucesso, naquelas pernas inchadas e lábios feridos para quem o tempo freava a carreira todos os sábados e domingos, tenho a morna certeza de que tenho feito as escolhas certas, mas ainda não achei bar que me dê suporte e aconchegue minha tocada desabrida.

É preciso continuar procurando.

PENHAROL I

O gato amarelinho, vivo, mínimo. O cérebro neblinado, condescendente, generoso, ébrio. Não deu outra: peguei o animalzinho pelo cangote, gesto que o fez assumir a posição reveladora de sua pronunciada barriga de felino bebê. Subi as escadas batendo pelas paredes caracachentas, pintadas de verde água. Quem tava n'água era eu, após quantidade considerável de Caninha da Roça e outros alteradores pouco mais nobres do que essa deplorável água (mais uma vez a água) ardente.

Travei violenta luta corpo a corpo com as fechaduras, quase desistindo após a terceira volta no Papaiz renitente. Até que lembrei: a bolinha prazima, a bolinha tem que vicar prazima.

Abriu.

Passo pela microentrada do apartamento, ancorado no longíquo oceano de Bonsucesso, Avenida Bruxelas, 73, 301. A samambaia ressecada me agarra pelos cabelos, aperto o gato, ele mia. Faço a curva, entro na sala e desabo no sofá repleto de almofadas sobre o colchão de capa verde estampada, ano após ano seviciada noites adentro por corpos melados de álcool e algum sexo.

Dividia o apartamento com o imponderável Zé José, então protagonista, na "Tribuna da Imprensa", de implacáveis críticas musicais que vitimaram em especial um certo gordo



Ed e o lupino roqueiro, avec ou sem a menor elegance. Éramos sócios cotistas de um certo mineiro que vendia angu na saída da estação. Por sobre a gororoba amarela uma concha gigante cheia de rins, coração, figado e pulmões de porco. Quase toda noite batíamos aquele pratão e depois levávamos outro tanto para o caso de súbita fome alvoroçar as barrigas.

Peguei um desses na geladeira e dei para o gato comer. Na verdade, deitei o gato dentro da marmita e deixei que ele explorasse sua nova vida.

Zé não aprovou o novo morador, mas nada disse. Acabou se afeiçoando por aquela máquina de defecar. O bicho precisava de um nome e sua pelagem amarela com listras escuras acabou por batizá-lo Penharol.

Dias e noites passaram e a eleição dos fundos da geladeria e do fogão para banheiro de Penharol foi tornando a presença felina um transtorno olfativo incontornável. Ele sabia arranhar muito bem e não gostava de nós, o que só fazia nossa admiração por sua personalidade aumentar. O desprezo com que ele encarava os pires de leite e bolinhas de papel que eram arremessadas em sua direção nos encantava. Durou uma semana o affair. Logo começamos a planejar o defenetre de Penharol. E foi assim mesmo que ele evadiu o velho apartamento.

Certa noite, inspirado pelo angu, trinta e poucas cervejas, algumas doses sorvidas do Casca Grossa — um pequeno barril de canelinha permanentemente cheio de Caninha da Roça —, peguei o gato, novamente pelo cangote, fui até a janela de meu quarto, olhei dentro de seus olhos e fiz o que tinha que fazer.

Quando Zé chegou perguntando pelo tal, devolvi ao nobre jornalista uma pergunta:

Zé, gato voa?





PENHAROL II

A janela do meu quarto no terceiro andar do velho prédio em Bonsucesso, onde morei por dez anos, dava para os fundos dos galpões de uma antiga fábrica. Os telhados escuros e empoeirados abrigavam gatos dos mais variados tipos. Magros esguios de orelha fina e pelagem escura com manchas amarelas; parrudos meio cambotas de rosto redondo de olhos grandes e amarelos; rajados de rabo quebrado e cicatrizes reveladoras de grande volúpia sexual — porque, humanamente, o amor entre os gatos é quase uma guerra —; gatos negros de olhos verdes, altos e majestosos; brancos sorrateiros de olhos bicolores, siameses heterodoxos; e alguns angorazados especialistas em lambedura de pelos. Não faltava gato e nem comida para eles.

Um desses telhados encostava na altura da janela do andar debaixo, uns dois metros e meio de meu peitoril. Havia lá uma senhora que alimentava os felinos com toda sorte de acepipes. Restos de almoço, ração, sardinhas e, uma vez, um rato vivo que causou o maior rebu pelos telhados. Gostava de vê-la alimentando os bichanos e chamando a cambada pelos nomes de cada um. Tinha um que ela chamava de Marido. Chamava, o gato vinha. Ela ria um pouco para logo depois esbravejar: "Marido, marido... aquele desgraçado... mas você



não, né, você é meu amigo". Ela sempre preferia conversar com Marido, mas havia outros. Manda-Chuva, Chamim, Preta e o maior de todos, que ela chamava de Figueiredo, lembrança dos tempos da construção da Vila do João em um mangue aterrado às margens da Avenida Brasil. A favela do mangue virou Vila do João; João Batista Figueiredo.

Eu ficava imaginando que ela já tinha morado lá, afinal era bem perto de Bonsucesso e sua intimidade com ratos vivos denunciava uma convivência tranquila com os roedores. Os gatos não se apinhavam à beira de sua janela quando era a hora da bóia. Imperativa, suas palavras totalitárias davam rumo e prumo aos gatos. Nunca vi ninguém comandar com tanta serenidade e firmeza; nem tampouco vira tropa tão espetacular. À frente de todos perfilava Figueiredo, mas o único que subia na janela dela era Marido.

Peguei nosso gatinho defecador, não sem antes tomar umas duas arranhadas daquele conjunto mortal de unhas inspiradas em alfinetes. Penharol era arisco e devido ao tamanho ínfimo se enfiava em qualquer buraco. Bom estrategista, formado na tradicional escola de guerrilhas felinas, ele atacava furtivo, rápido: arranhava o mais que podia para logo escapar em disparada e se acoitar num covil inalcançável por mão humanas. Penharol era um Sun Tzu do bote certeiro e foi minando nossa paciência, minha e do

160

Zé José, com quem eu dividia o apartamento. Foi minando a paciência e construindo a certeza de que seu lugar não era ali, onde passava os dias inteiros sozinho para sair apenas à noite em caçada aos nossos dedos desavisados.

Peguei a bolinha amarela pelo cangote de modo a me defender de suas retráteis garras de Wolverine e fui até meu quarto sabendo exatamente o que devia fazer. Iniciava a noitinha e a gataiada estava lá estirada no telhado. Havia muitos outros gatos novinhos como o nosso. Sem hesitar, me debrucei um pouco na janela e soltei Penharol rumo ao seu destino de felino pelo mundo dos telhados. A comunidade aceitou sua chegada até com certo tom blasé, mas logo os outros pequeninos estavam rolando com ele na poeira velha encravada nas telhas. Ele era de lá, estava em casa. Logo a janela do apartamento debaixo abriria e de lá a velha senhora batizaria Penharol com um novo nome mais digno e apropriado; lhe ensinaria boas maneiras e respeito à mão que o alimenta.



Os melhores Bares do Mundo

Ah, quantas lembranças daquele bar. Na verdade eram três bares ali na Francisco Bicalho, ao lado da estação da Leopoldina, defronte ao fétido canal que escoa um caldo grosso e negro, borbulhando gases asquerosos que mais pareciam pingadas no vaso em fim de caganeira. Esses bares revezavam entre si, de modo que sempre havia pelo menos dois deles abertos madrugada adentro.

Muitas vezes fomos lá tomar rabo-de-galo depois de cansar de beber sumo de cobra no Bar da Cobra.

A liturgia da calda galinácea era a seguinte: pediamos uma cerveja, bebíamos e reservávamos uma pequena dose dela já quente; depois, íamos escolhendo na velha prateleira as bebidas componentes da beberagem. Paratudo, Catuaba, Drink Dreyer, Jurubeba Leão do Norte, Fernet, pinga (de preferência Tatuzinho), vodka Baikal (ou alguma de mesma estirpe, como a Kiev), batida de amendoim, Fogo Paulista, conhaque Presidente (na época, chamávamos carinhosamente de Sarney), rum Pirata e, aí sim, adicionávamos a cerveja quente previamente reservada, mexíamos, mais um pouco de licor de menta e, finalmente, o toque supremo, segredo principal do rabo-de-galo: coroávamos o nobre drinque com

onicas sulas miolo indd 163 (03/12/2013 1642-39

batida de creme de ovos. Ai era só beber e desfrutar dos efeitos inebriantes da receita.

A gente tomava sopa junto com os lixeiros que estacionavam os caminhões em frente ao conglomerado de entretenimentos. A atmosfera de mosca era um convite para chupar a sopa quente e curar a mancha de sangue na corrente alcoólica.

Nos loucos e trincados anos 80, deixamos uma verdadeira fortuna no caixa da Caninha da Roça, fruto de intermináveis vaquinhas que começavam lá pelas nove da manhã na Escola de Comunicação da UFRJ, e se estendiam até a hora de ir para o Bar da Cobra e, depois, nesses bares da Francisco Bicalho.

A rapaziada já chegava lá muito além da sanidade. A sopa ajudava a curar.

Dos três bares, o que a gente preferia era o primeiro, no sentido Praça da Bandeira — Rodoviária. Era o mais pobre e menos frequentado, assim nos sentíamos donos do pedaco.

Noite daquelas, parou um furgão azul metálico na porta e desceu uma loura de botas longas, lenço amarrado no pescoço, blusa amarrada no umbigo, poucos botões abotoados revelando quase que por completo os dois quindins estriados. Ela foi direto ao balcão e pediu uma grosa de cigarros Belmont. Logo atrás dela, surgiu, impávido, uma criatura

164

Crônicas Sujas - Memórias de Névoa

grisalha com uns dois quilos de correntes de ouro espalhadas por pescoço e braços. Era o Elson Forrogode, em carne e osso, acompanhando a bandida.









João Moraes transita por várias formas de expressão e arte. Música, cinema, literatura. Mas reieita o rótulo de multimídia. Se define como um tolo prolixo e inconformado. Mas não titubeou quando recebeu o convite para ser cronista em A Gazeta, Esão algumas dessas crônicas que agora viraram esse "Crônicas Suias Memórias de Névoa".

Cursou a Escola de Comunicação da UFRJ: foi repórter, colunista, radialista e na música foi compositor e cantor em várias bandas. Em carreira solo produziu o disco "Hoje Não!" e o livro "Eu sou Aquele que Disse" em Homenagem a Sergio Sampaio.

Além de muitos outros documentário. dirigiu para a série Brasil Imaginário - da TV Cultura, dentro do projeto DOCTV do Minc-"Viagem Capixaba, um Olhar de Rubem Braga e Carvbé Hoie" e "O Evangelho Segundo seu João" codirigido por Zé José. É produtor Executivo dos Longas metragens "As Horas Vulgares" de Vitor Graize e Rodrigo Oliveira, adaptado do livro "Reino dos Medas" de Reinaldo Santos Neves e também "Entreturnos" de Edson

Sobre o Espírito Santo e sua cidade natal. Cachoeiro de Itapemirim. João Moraes costuma dizer. Não é necessário ser bairrista para enxergar o belo, mas é preciso olhar os simples, os que, em mesmo não tendo nada, carregam consigo a maior parte do que se pode chamar de riqueza capixaba. A única riqueza que importa. A cartografia de nossos muitos caminhos e misturas. Padecimentos e alegrias na cicatriz da história.

Se achegue.

Imagine que nós acabamos de ler esse livro, de cabo a rabo, e estamos numa mesa de bar a comentar esses causos e essas gentes, que nos parecem tão nossos que é como se tudo tivesse acontecido na nossa frente. com a nossa participação. Nossa memória afetiva se confundindo com a do João Moraes de uma maneira tão gostosa que sem nos darmos conta estamos na beira do rio Itapemirim, com a intimidade de meninos lá nos córregos de nossa infância.

E nos pegamos a se banhar escondido das mães, a pescar piabas, a combinar travessuras, a desafiar uns aos outros pra um inocente jogo de bolinhas de gude até que venha a mente a não tão inocente sinuca, naquela mesa velha de pano furado com tacos tortos. Daí pra primeira cachaca e os primeiros sabores e amores, proibidos ou não, é um pulo, e nos vemos adolescentes, numa querência qualquer, vivendo as descobertas definitivas, percebendo os vizinhos famosos, quase como um Braga, e os tipos da rua. malucos e folclóricos, e procurando os caminhos que escolhem a gente pro resto da vida.

E vamos rir muito e se indignar outro tanto lembrando dos tempos de estudante, das repúblicas, da lotação, da ditadura, das aventuras e desventuras daqueles momentos que são de todos nós. E o primo Sergio Sampaio passa ser nosso também, ou quase, como seu amigo Raul Seixas. E sem que percebamos estamos num teco-teco rumo a Amazônia pra ver Yanomami, ou numa estrada de terra capixaba na trilha de Rubem Braga. No percurso, infinitas histórias paralelas e parecidas com às nossas próprias e, quando a gente vai ver, já não sabe mais qual é qual.

Não vamos prescindir do torresmo prensado, talvez a grande alegoria desse périplo, a segurar galhardamente nossos apelos permanentes pela saideira: - Desce mais uma! E mais e mais historias virão, porque "Crônicas Sujas - Memórias de Névoa" é isso, um pretexto pra gente se encontrar em nossa própria brasilidade, com a nossa gente e com a gente mesmo.

João Moraes, nesse livro, nos mostra que não se nasce em Cachoeiro de Itapemirim impunemente, que não se respira os grandes cronistas da terra sem se deixar contaminar por esse jeito especial de ver o encanto e a transcendência de pequenas coisas, transformando-as em memória coletiva. em identidade que se reconhece e se quer reproduzir.

Está esperando o que? Pega logo esse livro, leia num fôlego só, e vem se sentar com a turma. João Moraes já está chegando. CELSÃO RODRIGUES

APOIO CULTURAL









